

FACULDADE UNIDA DE VITÓRIA  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DAS RELIGIÕES

DANIELLE MESQUIATI DE OLIVEIRA ALMEIDA



Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 04/07/2018.

VITÓRIA  
2018

DANIELLE MESQUIATI DE OLIVEIRA ALMEIDA

Certificado pelo Programa de Pós-Graduação da Faculdade Unida de Vitória - 04/07/2018.



Trabalho Final de Mestrado Profissional  
Para obtenção do grau de  
Mestra em Ciências das Religiões  
Faculdade Unida de Vitória  
Programa de Pós-Graduação  
Linha de pesquisa: Religião e Esfera Pública

Orientador: José Mário Gonçalves

Vitória - ES  
2018

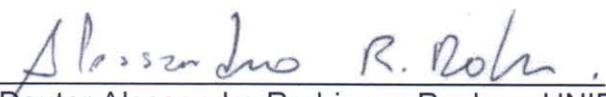
DANIELLE MESQUIATI DE OLIVEIRA ALMEIDA

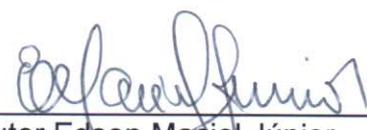
ENSINO RELIGIOSO, CIDADANIA E ÉTICA: PRÁTICAS PEDAGÓGICAS  
INTEGRADORAS

PPGCR  
Faculdade Unida de Vitória

Dissertação para obtenção do grau de Mestre em Ciências das Religiões no Programa de Mestrado Profissional em Ciências das Religiões da Faculdade Unida de Vitória.

  
Doutor José Mário Gonçalves – UNIDA (presidente)

  
Doutor Alessandro Rodrigues Rocha – UNIDA

  
Doutor Edson Maciel Júnior – UFES

Almeida, Danielle Mesquiati de Oliveira  
Ensino Religioso, cidadania e ética / Práticas pedagógicas  
integradoras / Danielle Mesquiati de Oliveira Almeida. -Vitória: UNIDA /  
Faculdade Unida de Vitória, 2018.

vi, 65 f. ; 31 cm.

Orientador: José Mário Gonçalves

Dissertação (mestrado) – UNIDA / Faculdade Unida de Vitória, 2018.

Referências bibliográficas: f. 62-65

1. Ciência da religião. 2. Religião e esfera pública. 3. Ensino religioso. 4. Ética. 5. Cidadania. 6. Práticas pedagógicas. - Tese. I. Danielle Mesquiati de Oliveira Almeida. II. Faculdade Unida de Vitória, 2018. III. Título.

## RESUMO

Esta dissertação é uma reflexão sobre como o Ensino Religioso pode atuar de forma prática para a formação ética e cidadã dos estudantes. Para alcançar esse objetivo educacional, o/a docente do Ensino Religioso necessita de capacitação e de recursos pedagógicos. Como envolver e cativar os alunos para uma maior participação cidadã e ética na sociedade brasileira? Como a formação do professor pode contribuir nesse processo? Essas foram as questões que nortearam a pesquisa. O objetivo é apresentar dinâmicas de grupo integradoras, formadoras e motivadoras para o Ensino Religioso, que potencializem a formação cidadã e ética do estudante. Os objetivos específicos são: refletir sobre a cidadania e a ética na formação discente; analisar o contexto histórico e a legislação do Ensino Religioso no Brasil e no Espírito Santo; refletir sobre as práticas pedagógicas para a formação cidadã e ética; e, propor dinâmicas de grupo para trabalhar esta disciplina em sala de aula. A pesquisa aponta para a necessidade de se desenvolver práticas pedagógicas assertivas e aplicadas. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica a partir da literatura sobre o Ensino Religioso no Brasil e sobre as dinâmicas de grupo. Ao final, faz-se uma seleção de 19 dinâmicas divididas em três grandes desafios contemporâneos, como a pluralidade cultural, a diversidade sexual e desigualdade social, e as apresenta de forma didática para uso do/a professor/a.

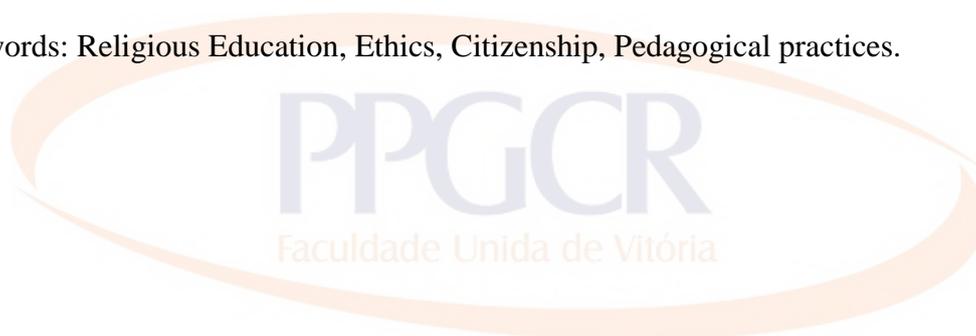
Palavras-chave: Ensino Religioso, Ética, Cidadania, Práticas pedagógicas.



## ABSTRACT

This dissertation is a reflection on how Religious Education can act in a practical way for the ethical and citizen formation of the students. To achieve this educational goal, the Religious Education teacher needs training and pedagogical resources. How to involve and captivate students for greater citizen participation and ethics in Brazilian society? How can teacher education contribute to this process? These were the questions that guided the research. The objective is to present integrative, formative and motivating group dynamics for Religious Education, which will enhance the student's citizenship and ethics. The specific objectives are: to reflect on citizenship and ethics in student training; to analyze the historical context and the legislation of Religious Education in Brazil and in Espírito Santo; reflect on pedagogical practices for citizen and ethical training; and, propose group dynamics to work this discipline in the classroom. The research points to the need to develop assertive and applied pedagogical practices. The methodology used was the bibliographical review from the literature on Religious Education in Brazil and on group dynamics. At the end, a selection of 19 dynamics is divided into three major contemporary challenges, such as cultural plurality, sexual diversity and social inequality, and presents them in a didactic way for the teacher to use.

**Keywords:** Religious Education, Ethics, Citizenship, Pedagogical practices.



## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	07
1 FORMAÇÃO ESCOLAR PARA CIDADANIA E PARA ÉTICA .....	10
1.1 Desafios éticos do contexto social brasileiro.....	10
1.2 Formação docente e discente para a cidadania.....	18
2 O ENSINO RELIGIOSO NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E FORMAÇÃO CIDADÃ	24
2.1 Breve histórico.....	24
2.2 Ensino Religioso e formação cidadã .....	29
2.3 Ética e valores na formação cidadã .....	32
3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA FORMAÇÃO CIDADÃ E ÉTICA A PARTIR DO ENSINO RELIGIOSO .....	35
3.1 Dinâmicas de grupo como prática pedagógica: teoria e prática .....	35
3.2 Motivando o aluno a aprender e a participar .....	37
3.3 Proposta de dinâmicas éticas e cidadãs para sala de aula.....	39
3.3.1 Proposta de dinâmicas sobre o tema Pluralidade Cultural .....	39
3.3.2 Proposta de dinâmicas sobre o tema Diversidade Sexual.....	46
3.3.3 Proposta de dinâmicas sobre o tema Desigualdade Social .....	51
CONCLUSÃO.....	60
REFERÊNCIAS .....	62

## INTRODUÇÃO

Ouvimos e presenciamos com certa frequência, atos de violência, preconceito, corrupção, terrorismo e tantas outras coisas ruins que ocorrem na sociedade brasileira e mundial, e isso em todas as esferas sociais. É uma necessidade urgente que se faça algo a respeito, e a educação escolar é uma ferramenta que pode contribuir no combate a esses desvios e disfunções sociais. Dentre as várias disciplinas dos componentes curriculares, temos o Ensino Religioso (ER), que embora ainda hoje na prática traga resquício do período colonial de catequese, pode ser um meio pelo qual valores éticos e morais transformadores e emancipatórios sejam ensinados às crianças como um instrumento específico a fim de contribuir para uma sociedade mais cidadã, apesar dos grandes desafios éticos que enfrenta e da falta ou necessidade de maior capacitação dos professores dessa disciplina, assim como promover um ensino onde colabore para um maior interesse, comprometimento, e por que não, entusiasmo dos alunos diante das riquezas que essa disciplina pode oferecer, no sentido de sua contribuição para uma sociedade com valores humanizadores e mais comprometida no exercício da cidadania. A autora da pesquisa pretende seguir carreira como professora de Ensino Religioso na região de Aracruz-ES, de modo que esta pesquisa reveste-se de interesse acadêmico e profissional.

A disciplina ER vem passando por grandes transformações ao longo dos anos. O que começa como uma forma de doutrinação e de catequese muda o foco. Antes o cenário político era de aliança entre Igreja e Estado, e neste sentido, o ER era uma ferramenta de poder. Agora por meio de uma nova legislação, o ER promove a ruptura entre Igreja e Estado, ampliando seu conteúdo de uma religião específica para uma nova plataforma que considere a diversidade religiosa como positiva e enriquecedora para as culturas. Não há mais espaço para proselitismo em ambiente educacional, mas busca-se um sistema de ensino compatível com um Estado laico, que visa formar o cidadão, por meio de um ensino científico, mesmo quando não há consenso sobre a melhor forma de fazê-lo.

Diante de inúmeras transformações destacamos a figura do/a professor/a desta disciplina, que muitas vezes, não encontra parâmetros claros e ferramentas pedagógicas que auxiliem nesse novo contexto educacional. Entendemos que o/a docente do ER necessita de recursos pedagógicos para um ensino inovador, que contribua para a formação cidadã de seu alunado. Quais seriam os parâmetros legais para o ER voltado para a formação cidadã e ética? Como envolver e cativar os alunos para uma maior participação cidadã e ética na sociedade brasileira? Como a formação do professor pode contribuir nesse processo? Este texto se

norteará por esta problemática. Nele buscamos relacionar o ER com os estudos sobre cidadania e ética. A preocupação central será a legislação (parâmetros) e a formação do professor (com foco na preparação de aulas motivadoras, desafiadoras e integradoras).

O ER, com base no princípio de que a educação tem a finalidade de formar o cidadão para a vida – integrando-o à realidade que o cerca, de forma clara, abrangente e crítica – visa trabalhar o fenômeno religioso de forma que estimule o educando a entender seu papel neste âmbito social. Daí a importância de entender como o ER pode contribuir para a formação ética e cidadã e como este poderá manifestar suas convicções religiosas de forma madura sem ferir o posicionamento e a liberdade do outro. Sobre a temática do ER existem várias publicações. O específico desta pesquisa é que se propõe ser uma pesquisa para fornecer subsídios práticos para os/as professores/as do Ensino Fundamental para utilizarem em sala de aula. Procura levantar questões e práticas pedagógicas que auxiliem os professores a contribuir para a formação ética e cidadã de seus alunos. O professor de Ensino Religioso pode trabalhar em sala de aula com vários recursos, e nosso foco será o de propor dinâmicas de grupo integradoras, formadoras e motivadoras para esta disciplina.

Desse modo, o objetivo geral é refletir sobre as práticas pedagógicas de grupos para formação cidadã e ética a partir do ER. Para alcançar esse objetivo será necessário analisar o contexto político, social e legislativo do ER no Brasil e no Estado do Espírito Santo, para, a partir daí, desenvolver práticas pedagógicas regionalizadas para um ensino voltado para a cidadania e para a ética. Os objetivos específicos são: refletir sobre cidadania e ética na formação discente; analisar o contexto histórico e a legislação do ER no Brasil e no Espírito Santo; refletir sobre as práticas pedagógicas para formação cidadã e ética no ER; e, propor dinâmicas de grupo para trabalhar a disciplina ER em sala de aula.

Esta pesquisa tem relevância social, pois observamos que além dos muitos desafios para a prática pedagógica do ER nas escolas públicas, a falta de um material aplicado e contextualizado, tem feito muitos alunos rejeitarem esta disciplina envoltos por uma visão proselitista. Entendemos que uma formação docente adequada e práticas criativas e participativas contribuirão para o sucesso desta disciplina. Desse modo, é relevante o estudo dessas práticas.

Para o cumprimento dos objetivos gerais e específicos propostos, a metodologia utilizada nesta pesquisa foi a revisão bibliográfica que possibilitou a elaboração de propostas de dinâmicas de grupo para sala de aula. Parte do referencial teórico foi a legislação brasileira, especialmente a LDB 9.334/96 (9.475/97) e a Constituição de 1988, além de pareceres e resoluções do CNE. Para discutir essa legislação e os demais temas correlatos, utilizou-se a

leitura e a crítica de autores como Sergio Junqueira, João Décio Passos, Faustino Teixeira, Alfonso Ligório Soares, Laude Bradenburg, Edgar Morin, entre outros, além das discussões e debates do FONAPER. Para pensar as práticas pedagógicas, nos concentramos nos estudos sobre as dinâmicas de grupo.

O primeiro capítulo parte das questões mais gerais, como a discussão sobre a formação discente cidadã e ética. A perspectiva é a formação dos alunos em meio a um mundo com sérios problemas éticos e morais. Também haverá espaço para introduzir algumas questões relativas à formação docente, no que se refere à questão de valores e ética. No segundo capítulo, por meio de uma revisão da legislação, buscam-se os parâmetros legais da disciplina ER, bem como a discussão sobre o papel desta disciplina nos objetivos gerais da educação – que é formação para cidadania. O terceiro e último capítulo buscará ser mais propositivo, pois o objetivo será o de mostrar como motivar os alunos desta disciplina, com especial atenção para as dinâmicas de grupo, além de apresentar algumas propostas de dinâmicas para uso em sala de aula.



## 1 FORMAÇÃO ESCOLAR PARA CIDADANIA E PARA ÉTICA

Este capítulo busca refletir sobre cidadania e ética na formação discente. Está dividido em dois tópicos, sendo o primeiro tópico dedicado à problematização dos desafios éticos no atual contexto no Brasil. No segundo tópico, afunila para a questão da formação discente ética e cidadã.

### 1.1 Desafios éticos do contexto social brasileiro

Falar dos desafios éticos do contexto social brasileiro é mais complexo do que parece, frente a um momento de tantas incertezas e transformações. Parece-nos que alguns conceitos do que é ser ético, na prática, também foram alcançados por essa avalanche de mutabilidade, e isto podemos observar no dia a dia de muitas escolas e locais públicos. Para falarmos especificamente sobre alguns dos desafios, primeiramente vale a pena discorrermos um pouco sobre o que entendemos por ética.

Ética, segundo Morin, manifesta-se para nós, de maneira imperativa, como exigência moral, e ainda:

O seu imperativo origina-se numa fonte interior ao indivíduo, que o sente no espírito como a injunção de um dever. Mas ele provém também de uma fonte externa: a cultura, as crenças, as normas de uma comunidade. Há certamente uma fonte anterior, originária da organização viva, transmitida geneticamente. Essas três fontes são interligadas como se tivessem um lençol subterrâneo em comum.<sup>1</sup>

Essas três fontes éticas e morais apontadas por Morin precisam ser objeto de reflexão para que possam cumprir sua tarefa social. Os impulsos interiores, seja pela noção de dever ou por razões genéticas, podem ser sufocados por urgências exteriores. Da mesma forma que padrões culturais que se sedimentaram com o tempo podem já não responder positivamente agora como poderiam tê-lo feito em outras circunstâncias. Ética e moralidade, então, não são conceitos estáticos, mas dinâmicos, que exigem reflexões continuadas.

Vale ressaltar que neste conceito dado por Morin, vemos claramente o papel cultural na manifestação da ética, como fonte externa, de relevante objeto de análise dado a sociedade plural que vivemos, ou seja, na pluralidade cultural atual. Se somarmos à contribuição de Sung e Silva a discussão sobre a ética ganha uma abordagem sistêmica. A ética seria uma “reflexão teórica que analisa e critica ou legitima os fundamentos e princípios que regem um

<sup>1</sup> MORIN, Edgar. *O método 6: Ética*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007. p. 19.

determinado sistema moral (dimensão prática)”<sup>2</sup>. Outra contribuição importante vem de Cortella, que tematiza a importância de se pensar a liberdade para discutir questões éticas e morais:

É impossível falar em ética sem falar em liberdade. Quem não é livre não pode, evidentemente, ser julgado do ponto de vista da ética... Da liberdade, vêm as três grandes questões éticas que orientam (mas também atormentam, instigam, provocam e desafiam) as nossas escolhas: Quero? Devo? Posso? [...] Tem coisa que eu devo mas não quero, tem coisa que eu quero mas não posso, tem coisa que eu posso mas não devo.<sup>3</sup>

A ética então seria o que norteia os seres humanos para a prática de uma conduta. Nesta prática, embora haja a liberdade, é necessário o respeito e valor pelo próximo a fim de se entender que nem tudo que temos a liberdade de fazer é de fato o correto a partir do ponto de vista do outro. Para falar de ética temos que pensar em liberdade, respeito e alteridade. Nesse sentido, a educação, e mais precisamente o Ensino Religioso, tem uma contribuição muito importante nesse debate e na pedagogia da sua aplicação.

Outra dimensão da alteridade remete-nos a uma educação dos direitos humanos, no qual se priorizam os fundamentos éticos do reconhecimento do direito de poder ser diferente. O Ensino Religioso apresenta-se como espaço de aprender a reconhecer os direitos fundamentais dos outros, sustentado por posturas de alteridade, justiça e democracia. Uma postura de alteridade se faz necessária para que a sociedade entenda a diversidade e consiga ver-se e ver no outro. No Ensino Religioso, pela abertura respeitosa aos outros e pelo espírito de reverência às expressões culturais e religiosas alheias é que se desencadeia o profundo respeito mútuo que pode conduzir à paz.<sup>4</sup>

Mas a prática dos conceitos que levam à paz por vezes se esbarra nos grandes desafios éticos do contexto social brasileiro, tais como: pluralidade cultural, diversidade sexual, desigualdade social, preconceito e corrupção. Buscando um aprofundamento da questão, centraremos em três desafios: pluralidade cultural, diversidade sexual e desigualdade social. A partir destes três enfoques faremos as reflexões teóricas ao longo dos capítulos e nossa proposta de prática pedagógica no último capítulo.

Vivemos em uma sociedade plural. Cada ser humano traz consigo sua bagagem cultural, somos diferentes, seja no estilo de vida, raça, religião, posição social. A forma de

<sup>2</sup> SUNG, Jung Mo; SILVA, Josué Cândido. *Conversando sobre ética e sociedade*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2007. p. 13.

<sup>3</sup> CORTELLA, Mario Sérgio. *A ética e a produção do conhecimento hoje*. Disponível em: <<https://goo.gl/iZ9MyG>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

<sup>4</sup> WITT, Maria Dirlane; PONICK, Edson (Coords.). *Dinâmicas para o Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal. 2008. p. 20.

olhar o mundo e julgar as ações também é distinta de pessoa para pessoa, de um grupo social para outro. E conviver socialmente em um mesmo espaço se torna um grande desafio.

O estudo e inserção da pluralidade cultural visam o conhecimento e valorização das características étnicas e culturais dos diferentes grupos sociais que convivem no território brasileiro. A diversidade cultural no Brasil origina-se basicamente com as raças: índio, branco e o negro, sendo elas o berço cultural brasileiro. Infelizmente com o passar dos anos observa-se um distanciamento das singularidades culturais de cada raça citada em frente ao termo do censo comum da brasilidade, ou seja, pouco se tem valorizado ou incentivado a valorizar a cultura dos índios ou dos negros.

E é certo observar que o desconhecido gera medo, receio, evita-se o que não se conhece, então nesta perspectiva podemos afirmar que só reconhecendo e valorizando as diversas culturas é que podemos exterminar a discriminação e exclusão, que são barreiras conhecidas do exercício pleno da cidadania.

Importante ainda frisar que o conhecimento e reconhecimento de uma cultura distinta não significa aderir aos valores daquela cultura, mas sim respeitá-la, e isto precisa ser ensinado, e o ensino vem da prática, do falar abertamente desde cedo.

No tocante à pluralidade cultural devemos considerar ainda que

compreender outras culturas é indispensável para compreender a própria cultura. Diferentes culturas lançam luz sobre diferentes perspectivas humanas, de forma que o diálogo empreendido com a intenção de compreender se mostra enriquecedor para os interlocutores. Quem procura compreender uma bagagem cultural diferente da sua pouco a pouco se compreende melhor a si mesmo ao adquirir novas perspectivas, novos pontos de vista.<sup>5</sup>

É preciso valorizar as diversas culturas, descobrir a dignidade de cada uma delas, e para isso é preciso ter diálogo intercultural, conhecer a própria cultura e a cultura do outro em busca de soluções, de conhecimento do outro e de si mesmo, como Edgar Morin afirma: “a incompreensão de si é fonte muito importante de incompreensão de outro”<sup>6</sup>. É preciso que se ensine a dialogar, “fortalecimento do diálogo, do respeito à diversidade, da solidariedade e da participação conjunta em busca da construção de uma sociedade humana e humanizadora”<sup>7</sup>.

No Brasil temos a Secretaria da Cidadania e da Diversidade Cultural do Ministério da Cultura (SCDC/MinC), instituída em 31 de maio de 2012 através do Decreto nº 7.743, e reestruturado no ano de 2016 pelo Decreto nº 8.837, que definiu a atual Estrutura Regimental

<sup>5</sup> CORTINA, Adela. *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*. São Paulo: Loyola, 2005. p. 147.

<sup>6</sup> MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2011. p. 84.

<sup>7</sup> MINICUCCI, Agostinho. *Relações humanas*. Psicologia das relações interpessoais. São Paulo: Atlas, 1989. p. 30.

do Ministério da Cultura. As atribuições da Secretaria foram definidas no Art. 13 do Decreto 8.837 de 17/08/2016. Transcreve-se os incisos I ao VI:

- I - planejar, coordenar, monitorar e avaliar políticas, programas, projetos e ações para a promoção da cidadania e da diversidade cultural brasileira;
- II - promover e fomentar o acesso aos meios de produção, formação, fruição e difusão cultural e o reconhecimento dos direitos culturais;
- III - promover ações que estimulem a convivência e o diálogo entre diferentes, a prática da interculturalidade, o respeito aos direitos individuais e coletivos, a proteção e o reconhecimento da diversidade simbólica e étnica;
- IV - disponibilizar informações sobre os programas, os projetos e as ações e fomentar o registro, o intercâmbio e o acesso ao conhecimento sobre expressões culturais, cidadania e diversidade cultural;
- V - coordenar a Política Nacional de Cultura Viva - PNCV, instituída pela Lei no 13.018, de 22 de julho de 2014, e demais programas de fomento às atividades de incentivo à diversidade e ao intercâmbio e a participação, o controle social e a gestão participativa de programas, projetos e ações culturais que visem à promoção da cidadania e que venham a ser instituídos pelo Ministério da Cultura;
- VI - zelar pela consecução das convenções, dos acordos e das ações de cooperação nacional e internacional, com destaque para a Convenção sobre a Proteção e a Promoção da Diversidade das Expressões Culturais da Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - Unesco, em cooperação com o Departamento de Promoção Internacional e com o Sistema Federal de Cultura;

Na sequência, os incisos restantes, do VII ao XI:

- VII - articular-se com os Ministérios da Educação e da Ciência, Tecnologia, Inovações e Comunicações para integrar as políticas públicas de cultura e as políticas públicas de educação e comunicação nos âmbitos federal, estadual, distrital e municipal;
- VIII - promover a intersetorialidade das políticas culturais com as políticas de educação, ciência e tecnologia, desenvolvimento social, infância e juventude, nos âmbitos federal, estadual, distrital e municipal;
- IX - coordenar a formulação de políticas e diretrizes destinadas à produção e ao amplo acesso ao livro e às atividades relacionadas à promoção e à difusão do livro;
- X - coordenar, orientar e apoiar o Programa Nacional de Incentivo à Leitura, instituído pelo Decreto no 519, de 13 de maio de 1992, e a implementação do Plano Nacional de Livro e Leitura e coordenar o Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas, instituído pelo Decreto no 520, de 13 de maio de 1992; e
- XI - executar ações relativas à celebração e à prestação de contas de convênios, acordos e outros instrumentos congêneres que envolvam a transferência de recursos do Orçamento Geral da União, no âmbito de sua área de atuação.<sup>8</sup>

É urgente e atual a necessidade de intensificação de criação e implantação de projetos nas escolas abrangendo a temática da pluralidade cultural, e a disciplina Ensino Religioso pode suprir boa parte dessa demanda como veremos no terceiro capítulo.

O segundo elemento, a diversidade sexual, igualmente demanda tratativa em ambientes educacionais:

<sup>8</sup> BRASIL. *Ministério da Cultura*. Decreto n. 8837/16. Brasília 2016.

Nossas diferenças não podem ser apenas respeitadas e toleradas, enquanto o espaço escola está produzindo e reproduzindo, a partir delas e a todo o momento, relações de poder. Expressando de forma velada, quando não explícita de quem deve ou não permanecer no espaço da escola pública brasileira. E desta forma, levando centenas de LGBT para as estatísticas de evasão escolar. É necessário discutir, pautar as relações de poder que dominam esse espaço e expulsam de suas fileiras especialmente travestis e transexuais.<sup>9</sup>

A diversidade sexual tem sido pauta de vários debates, por vezes acalorados e polêmicos. A escola não pode ser omissa na responsabilidade de acolher seus alunos independentemente da orientação sexual do mesmo. A diversidade sexual é um desafio complexo porque envolve diferentes elementos, seja por cunho relacionado ao preconceito em si, *bullying*, questões religiosas, e outros. O risco de evasão escolar se torna ainda maior quando esses elementos aparecem juntos.

É preciso criar espaço com ambiente acolhedor e que inspire a boa convivência, e mesmo com as diferenças, sejam ensinados a serem unidos e que se tenha paz dentro e fora dos portões da escola. E é isto que a escola precisa fazer florescer, incentivar e aprimorar em seus alunos.

No ano de 2016, o Ministério dos Direitos Humanos, divulgou o *Relatório de Violência Homofóbica no Brasil* do ano de 2013, mas antes de mencionarmos alguma das estatísticas apuradas, interessante vermos alguns conceitos sobre homofobia apresentados no referido relatório:

A homofobia possui várias formas, que abrange muito mais do que as violências tipificadas pelo código penal. Ela não se reduz à rejeição irracional ou ódio em relação aos homossexuais, pois também é uma manifestação que qualifica o outro como contrário, inferior ou anormal. Devido à sua diferença, esse outro é excluído de sua humanidade, dignidade e personalidade.

O termo homofobia é constantemente problematizado em decorrência de sua possível homogeneização sobre a diversidade de sujeitos que pretende abarcar, ocultando violências e discriminações cometidas contra lésbicas e pessoas trans (travestis, mulheres transexuais e homens transexuais). Nesse sentido, optam por nominá-las especificamente como lesbofobia (sobre as quais recaem também o machismo e o sexismo) e transfobia (sobre as quais recai o preconceito relativo à falta de entendimento da realidade de assumir o gênero e/ou sexo oposto ao biológico do indivíduo).

Neste relatório entende-se homofobia como preconceito ou discriminação (e demais violências daí decorrentes) contra pessoas em função de sua orientação sexual e/ou identidade de gênero presumidas. A lesbofobia, a transfobia e a bifobia, serão compreendidos pela homofobia, para melhor fluência no texto.

Entre os tipos de homofobia, podem-se apontar a homofobia institucional (formas pelas quais instituições discriminam pessoas em função de sua orientação sexual ou identidade de gênero presumida) e os crimes de ódio de caráter homofóbico, ou seja, violências, tipificadas pelo código penal, cometidas em função da orientação sexual ou identidade de gênero presumidas da vítima. A homofobia presente na estrutura da

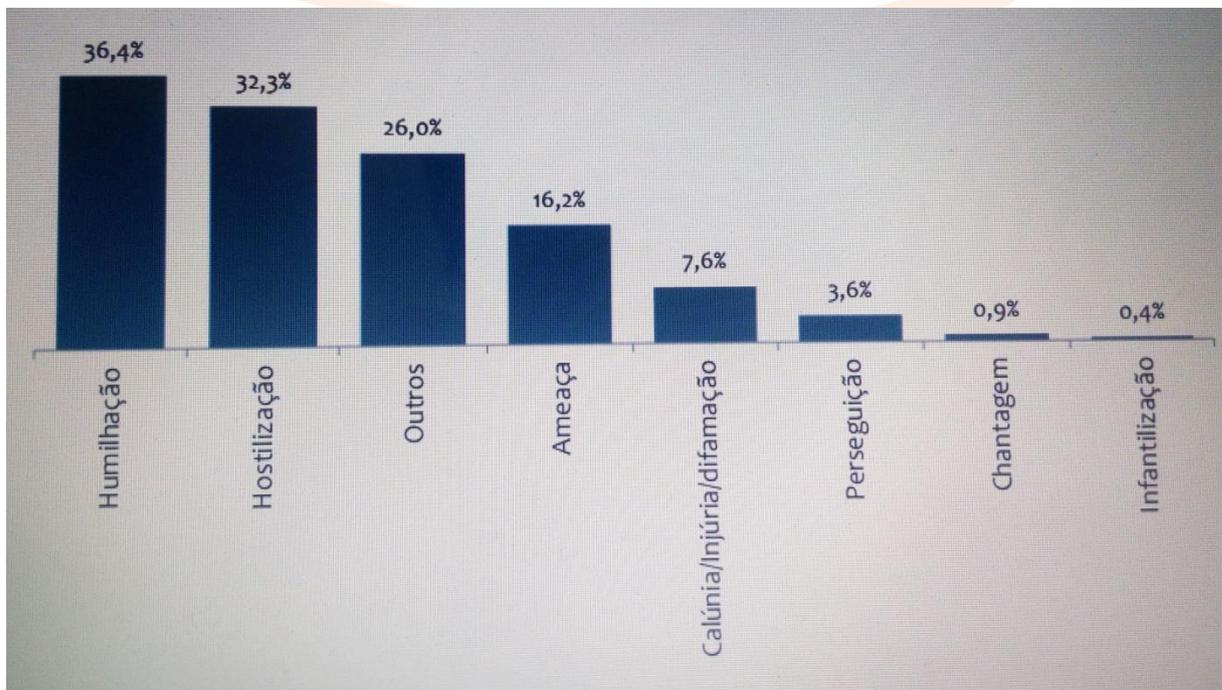
<sup>9</sup> PINEL, Hiran; MENDONÇA, C. (Org.). *Diversidade Sexual*. Silêncio, Diálogo & Currículo. São Paulo: Pedro & João Editores, 2013. p. 30.

sociedade brasileira vitimiza não apenas a população LGBT cujas oportunidades são limitadas pelo preconceito, mas qualquer indivíduo em que a identidade de gênero seja percebida como diferente da heterossexual.

As violações dos direitos humanos relacionadas à orientação sexual e identidade de gênero, que vitimizam fundamentalmente a população LGBT, constituem um padrão que envolve diferentes espécies de abusos e discriminações e costumam ser agravadas por outras formas de violências, ódio e exclusão, baseadas em aspectos como idade, religião, raça ou cor, deficiência e situação socioeconômica. Apesar de ser um evento que encerra numa escalada de violações, o homicídio é apenas uma das entre várias outras violências consideradas “menores”, como discriminações e agressões verbais e físicas dos mais variados tipos.<sup>10</sup>

Podemos observar que há várias formas de homofobia, vários tipos de preconceito e violência ao público que não seja heterossexual. A ignorância funciona como um motor na manutenção dessa conduta intolerante inaceitável e a educação, e mais precisamente o Ensino Religioso, tem aqui um papel de formação e transformação importante. Nesse sentido, a educação escolar precisa ser mais intencional, com vistas a superação dessa violência que vitimiza uma parcela considerável da população.

A violência psicológica foi classificada no Relatório como humilhação, hostilização, outros, ameaça, calúnia/injúria/difamação, perseguição, chantagem e infantilização, sendo o maior índice a humilhação, encabeçada com 36,4% no ranking conforme demonstrada na figura abaixo:



Fonte: Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos – SDH/PR.<sup>11</sup>

<sup>10</sup> BRASIL. *Relatório de Violência Homofóbica no Brasil do ano de 2013*. Disponível em: <<https://goo.gl/3btyWn>>. Acesso em: 15 jan. 2018. p. 5.

<sup>11</sup> BRASIL, 2013, p. 25.

No campo da violência física, o estudo traz que dos LGBTQS brasileiros assassinados no Brasil, 53,4% são gays, 29,5% são travestis, 4,4% são lésbicas e 1,2% são transexuais conforme podemos visualizar na figura a seguir:



Fonte: Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos – SDH/PR.<sup>12</sup>

O Relatório mostra ainda que a cada dia, durante o ano de 2013, 5,22 pessoas foram vítimas de violência homofóbica do total de casos reportados no país, sendo que dos lugares que ocorrem a violência, 1,9% são dentro das escolas:



<sup>12</sup> BRASIL, 2013, p. 47.

Fonte: Departamento de Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos – SDH/PR.<sup>13</sup>

Os estudos apontam resultados preocupantes, haja vista que há muito mais que não é reportado, seja pelo medo ou pela vergonha. É triste saber que pessoas estão perdendo a vida e sonhos em decorrência da hostil visão em relação a diversidade sexual. É urgente o emergir da consciência do ser social. O valor do ser humano em sua essência, independente de suas diferenças e escolhas.

O ensinar pelo diálogo produz o senso de humanidade, o se colocar no lugar do outro, levar o aluno a refletir no quão prejudicial é desprezar o próximo seja por qualquer diferença que este apresente, neste caso, a orientação sexual.

O terceiro elemento, a desigualdade social, também deve ser refletida e enfrentada em sala de aula. Não podemos nos acostumar com a desigualdade e com a injustiça.

Apreciar o valor da igualdade, independentemente da condição social, da idade, do sexo ou da etnia, é algo que começa na infância. E começa pela condição social porque, embora as Nações Unidas apontem o racismo e a xenofobia como obstáculos para a consciência da igualdade, o maior obstáculo continua a ser a aporofobia, o desprezo pelo pobre e pelo fraco, pelo idoso e pelo portador de deficiência.<sup>14</sup>

Embora o discurso a respeito da desigualdade seja constante, a sociedade tem estado na prática muito distante da igualdade. A falta de respeito pelo diferente tem sido fator crucial para vários tipos de problema sociais. É preciso um despertar para a dignidade humana, e este despertar deve começar desde cedo na escola, mesmo que seja inerente de outras instituições, como a família por exemplo.

Cortina defende que “as desigualdades naturais e sociais exigem igualações básicas, fundamentadas na igual dignidade das pessoas”<sup>15</sup> e que “o valor da igualdade é um dos mais valiosos entre o que fomos experimentando historicamente”<sup>16</sup> e é enfática, ao dizer que, “deixar de desejá-lo significa não só retroceder nas conquistas, mas dar mostras de uma estupidez bastante considerável, porque não há maior burrice do que a de quem se julga superior, como se nunca fosse precisar de compaixão”<sup>17</sup>.

Importante refletir que a desigualdade é produzida na relação de dominação e exploração socioeconômica e política, nasce na relação de quem mais tem e subjuga o que

<sup>13</sup> BRASIL, 2013, p. 23.

<sup>14</sup> CORTINA, 2005, p. 187.

<sup>15</sup> CORTINA, 2005, p. 188.

<sup>16</sup> CORTINA, 2005, p. 188.

<sup>17</sup> CORTINA, 2005, p. 188.

menos tem e o despreza. A desigualdade diminui o outro, etnias são desprezadas, a violência se destaca, e diversas outras consequências surgem.

A desigualdade social também é visível quando se constata o longo caminho a ser percorrido para a valorização da mulher, que em pleno século XXI ainda tem salários inferiores, por exemplo, aos homens no exercício de funções equiparadas e a pouca representatividade na política. Pensar em uma educação que gere motivação para o caminho da igualdade seria a reposta, trilhar esse caminho, um grande desafio que precisa ser vencido. No próximo tópico trataremos a questão da formação docente e discente a partir desses desafios apontados.

## 1.2 Formação docente e discente para a cidadania

Quando pensamos em ética e cidadania, falamos da ação da vida em sociedade e de como construir uma cidadania para o bem comum, buscando a igualdade social e dignidade humana.

Diretrizes saudáveis de conduta e comportamento individual e coletivo precisam ser trabalhadas desde o início da escolarização, seja em que nível for. Solidariedade, sinceridade, fraternidade, respeito, honestidade são princípios a serem experimentados em situações que a escola pode criar, seja no debate de situações-limite (trazendo casos de rupturas ou de consolidação ética), seja por meio de atividades colaborativas e comunitárias. O principal papel da escola é fazer com que a prática dos princípios não seja nem automática, nem robótica, nem alienada, nem fingida. Em outras palavras, tornar claras a razões que nos levam a adotar determinadas concepções, de modo a impedir a degradação do convívio e da diversidade.<sup>18</sup>

É papel da escola ensinar a criança desde cedo princípios e valores éticos, como respeitar os colegas, os professores, a merendeira, o responsável pela cantina, o porteiro, a pessoa da limpeza, ser gentil ao se dirigir a todos sem distinção, ensinar a interação e socialização entre crianças de distintas etnias, crenças e de diferentes níveis sociais. E isso não se dá de forma automática, sendo necessária, então, uma metodologia adequada para se alcançar tal objetivo ético e cidadão.

Como sociedade, especialmente os governos, precisam investir na base da formação escolar. O professor precisa ter condições de se qualificar de forma continuada para saber

<sup>18</sup> CORTELLA, Mario Sergio. *Educação, Convivência e Ética*. Audácia e esperança! São Paulo: Cortez, 2015. p. 56.

introduzir e lidar com as situações diversas no exercício de sua função, um olhar dentro e fora de sua sala de aula.

Vale ainda ressaltar a importância da parceria entre as partes envolvidas na formação de crianças e jovens:

Até porque o mundo intraescolar e o mundo extraescolar não são universos estanques ou separados. Em termos de formação, o aluno carrega o que aprende nos ambientes que frequenta. Toda instituição social (família, escola, mídia, empresas, igrejas etc.) tem uma ação que é simultaneamente inovadora e conservadora; em outras palavras, conserva condutas e valores e, ao mesmo tempo, é capaz de inovar atitudes e percepções. É exatamente esse movimento que evita rupturas bruscas na nossa convivência. Nessa direção, cabe à parceria entre família e escola desenvolver atividades que auxiliem crianças e jovens a não se alienarem ou se iludirem com os conteúdos e temas aos quais são expostos. A melhor maneira de fazer isso é introduzir nos diálogos a “suspeita sistêmica”, sem se aproximar da paranoia ou da descrença militante.<sup>19</sup>

A parceria dentro e fora dos muros das escolas precisa ser uma parceira assertiva, ativa e motivacional. São diversos fatores e agentes envolvidos. Demanda diferentes recursos e investimentos de médio e longo prazo. Um processo de formação e conscientização não se dá de forma natural e automática. É necessária uma intencionalidade bem dirigida, que no caso das escolas públicas, passa pelas políticas também.

Sobre cidadania, Cortina também fala da importância de uma formação para cidadania: “porque aprendemos a ser cidadãos, como aprendemos outras coisas, mas não pela repetição da lei de outros e pelo castigo, e sim chegando a ser mais profundamente nós mesmos”<sup>20</sup>. Esse é um longo caminho, que depende da interação e de tutoria, no caso de crianças e de adolescentes. Neste sentido, em busca de uma educação e formação docente e discente para a cidadania, vamos discorrer sobre a obra *Os Sete Saberes Necessários à Educação do Futuro*, de autoria de Edgar Morin, que traz reflexões profundas sobre uma educação transformadora.

O primeiro saber é sobre “As cegueiras do conhecimento: o erro e a ilusão”, onde sinaliza que todo conhecimento está sujeito a erros e ilusões e a educação deve mostrar isso, identificando a origem desses erros, ilusões e cegueiras. Defende que a racionalidade é a melhor proteção contra o erro e a ilusão, pois ela conhece os limites da lógica, do determinismo e do mecanismo; sabe que a mente humana não poderia ser onisciente, que a realidade comporta mistério, e completa, é não só crítica, mas autocrítica. Reconhece-se a

<sup>19</sup> CORTELLA, 2015, p. 19.

<sup>20</sup> CORTINA, 2005, p. 30.

verdadeira racionalidade pela capacidade de identificar suas insuficiências.<sup>21</sup> Sinaliza ainda que os paradigmas são fonte de ao mesmo tempo elucidar, mas também de cegar, revelar e ocultar, sendo o seu seio o local onde está escondido o problema-chave da verdade e do erro, e defende que se cristalize e se enraíze um paradigma que permita o conhecimento complexo.

As possibilidades de erro e de ilusão são múltiplas e permanentes: aquelas oriundas do exterior cultural e social inibem a autonomia da mente e impedem a busca da verdade; aquelas vindas do interior encerradas, às vezes, no seio de nossos melhores meios de conhecimento, fazem que as mentes se equivoquem consigo mesmas e sobre si mesmas.

Quantos sofrimentos e desorientações foram causados por erros e ilusões ao longo da história humana, e de maneira aterradora, no século XX! Por isso, o problema cognitivo é de importância antropológica, política, social e histórica. Para que haja um progresso de base no século XXI, os homens e as mulheres não podem mais ser brinquedos inconscientes não só de suas ideias, mas das próprias mentiras. O dever principal da educação é de armar cada um para o combate vital para a lucidez.<sup>22</sup>

Enfatiza-se aqui a importância do conhecimento, não apenas no transmitir conteúdo, mas permitir o confronto do saber com a realidade gerando alunos críticos. Essa tomada de consciência, como bem enfatizou Morin na citação acima, não deveria ser somente das grandes ideias e das descobertas até hoje, ou do potencial criativo do ser humano, mas, e tão importante quanto o anterior, tomar consciência das suas mentiras e dos seus erros.

O segundo saber, “Os princípios do Conhecimento Pertinente”, nos faz refletir sobre uma educação onde as informações e os dados sejam trabalhados envolvendo todo o contexto, evidenciando-o, para que se adquiram sentido. Para fundamentar a importância do conhecimento do todo, o autor cita Pascal:

Sendo todas as coisas causadas e causadoras, ajudadas ou ajudantes, mediatas e imediatas, e sustentando-se todas por um elo natural e insensível que une as mais distantes e as mais diferentes, considero ser impossível conhecer as partes sem conhecer o todo, tampouco conhecer o todo sem conhecer particularmente as partes.<sup>23</sup>

Ou seja, o conhecimento em sua totalidade, levando o aluno compreender o cenário que o cerca, ainda que isso ocorra lentamente e por partes. Mas nunca se pode perder de vista o todo e a consciência do seccionamento da realidade.

O terceiro saber refere-se ao “Ensinar a condição Humana”, que coloca em tela a importância da educação em retomar o estudo contextualizado da complexidade humana, entendendo a cultura e assegurando a diversidade:

<sup>21</sup> MORIN, 2011, p. 22-23.

<sup>22</sup> MORIN, 2011, p. 30-31.

<sup>23</sup> MORIN, 2011, p. 35.

Por isso, a educação deveria mostrar e ilustrar o Destino multifacetado do humano: o destino da espécie humana, o destino individual, o destino social o destino histórico, todos entrelaçados e inseparáveis. Assim, uma das vocações essenciais da educação do futuro serão o conhecimento, por conseguinte, de consciência, da condição comum a todos os humanos e da muita rica e necessária diversidade dos indivíduos, dos povos, das culturas, sobre nosso enraizamento como cidadãos da Terra.<sup>24</sup>

É o ensinar que transborde a natureza humana elevando o ser, que mostre e demonstre a diversidade, mas, ao mesmo tempo, o que unifica cada um de nós e valorizar isso, colocando em evidência.

O quarto saber é o “Ensinar a identidade terrena”, onde traz em tela a importância da educação trabalhar para a identidade e a consciência terrenas, consciente da unidade e diversidade da condição humana.

Por isso, é necessário aprender a “estar aqui” no planeta. Aprender a estar aqui significa: aprender a viver, a dividir, a comunicar, a comungar; é o que se aprende somente nas culturas singulares – e por meio delas. Precisamos doravante aprender a ser, a viver, a dividir e a comunicar como humanos do planeta Terra, não mais somente pertencer a uma cultura, mas também ser terrenos. Devemos dedicar-nos não só a dominar, mas a condicionar, a melhorar, a compreender.<sup>25</sup>

E ainda,

O duplo imperativo antropológico impõe-se: salvar a unidade humana e salvar a diversidade humana. Desenvolver nossas identidades a um só tempo concêntricas e plurais: a de nossa etnia, a de nossa pátria, a de nossa comunidade de civilização, enfim, a de cidadãos terrestres.

Estamos comprometidos, na escala da humanidade planetária, com a obra essencial da vida, que é resistir à morte. Civilizar e solidarizar a Terra, transformar a espécie humana em verdadeira humanidade torna-se o objetivo fundamental e global de toda educação que aspira não apenas o progresso, mas à sobrevivência da humanidade. A consciência de nossa humanidade, nesta era planetária, deveria conduzir-nos à solidariedade e à comensuração recíproca, de indivíduo para indivíduo, de todos para todos. A educação do futuro deverá ensinar a ética da compreensão planetária.<sup>26</sup>

Fazer o aluno refletir em como as ações interferem no todo, e não apenas em um todo limitado ao seu bairro, sua cidade, mas um todo literal, que abrange nosso planeta. Ensinar a cuidar uns dos outros, a cuidar da natureza, zelar por aquilo que vamos deixar para nossos herdeiros, o nosso futuro.

O quinto saber, “Enfrentar as Incertezas”, fala da importância de se ensinar estratégias para enfrentar as situações inesperadas, relacionando incerteza ao futuro. Em toda certeza há uma incerteza, não tem como prever o futuro.

<sup>24</sup> MORIN, 2011, p. 54.

<sup>25</sup> MORIN, 2011, p. 66.

<sup>26</sup> MORIN, 2011, p. 68.

Na história, temos visto, com frequência, infelizmente, que o possível se torna impossível e podemos pressentir que as mais ricas possibilidades humanas permanecem ainda impossível de se realizar. Mas vimos também que o inesperado se torna possível e se realiza; vimos, com frequência, que o improvável se realiza mais do que o provável; saibamos, portanto, esperar o inesperado e trabalhar pelo improvável.<sup>27</sup>

O ato de preparar o aluno para as incertezas da vida, ser otimista e lutar pelo futuro que quer mas também está solido o suficiente para encarar as adversidades que possam surgir, não desistir mas perseverar nos objetivos traçados.

O sexto saber necessário à educação do futuro, segundo Morin, seria o “Ensinar a Compreensão”, aborda a temática da necessidade de se ensinar a compreender de forma mútua. A educação, segundo o autor, deveria ensinar a compreensão entre as pessoas como condição e garantia da solidariedade intelectual e moral da humanidade. Ainda segundo o autor, a compreender inclui, necessariamente, um processo de empatia, de identificação e de projeção, e ainda, compreender é aprender e reaprender incessantemente.

A compreensão é, ao mesmo tempo, meio e fim da comunicação humana. O planeta necessita, em todos os sentidos, de compreensões mútuas. Dada a importância da educação para a compreensão, em todos os níveis educativos e em todas as idades, o desenvolvimento da compreensão necessita da reforma planetária das mentalidades; esta deve ser a tarefa da educação do futuro.<sup>28</sup>

É uma educação que leve o aluno a se despir do individualismo, a enxergar o próximo, a sentir e compreender o outro. Fala-se da necessária interação e sociabilidade.

Traz como sétimo saber necessário à educação do futuro, a “A ética do Gênero Humano”, onde da tríade indivíduo-sociedade-espécie, emerge a consciência e o espírito propriamente humano, sendo esta a base para se ensinar a ética, sendo a ética humana – antropoética, capaz de instruir quanto a algumas questões importantes da vida, como: humanização da humanidade; obedecer à vida, guiar a vida; alcance da unidade planetária na diversidade, respeito às diferenças, desenvolver a ética da solidariedade, da compreensão e do gênero humano. Traz ainda uma importante reflexão sobre escola e democracia:

É possível perguntar, finalmente, se a escola não poderia ser prática e concretamente um laboratório de vida democrática. Obviamente, trata-se de democracia limitada, no sentido de que um professor não seria eleito por seus alunos, de que a necessária autodisciplina coletiva não poderia eliminar a disciplina imposta e igualmente no sentido de que a igualdade de princípio entre os que sabem e os que aprendem não poderia ser abolida.

<sup>27</sup> MORIN, 2011, p. 80.

<sup>28</sup> MORIN, 2011, p. 91.

Mesmo assim (de qualquer maneira, a autonomia adquirida o pede pela faixa etária dos adolescentes), a autoridade não poderia ser incondicional, e poderiam ser instauradas regras de questionamento das decisões consideradas arbitrárias, especialmente com a instituição de um conselho de classe eleito pelos alunos, ou mesmo por instâncias de arbitragem externas. A reforma francesa dos liceus, realizada em 1999, instaura este tipo de mecanismo.

Mas, sobretudo, a sala de aula deve ser um local de aprendizagem do debate argumentado, das regras necessárias à discussão, da tomada de consciência das necessidades e dos procedimentos de compreensão do pensamento do outro, da escuta e do respeito às vozes minoritárias e marginalizadas. Por isso, a aprendizagem da compreensão deve desempenhar um papel capital no aprendizado democrático<sup>29</sup>.

Interessante observar que estes sete saberes são fundamentais para se transmitir um ensino transformador, um ensino que desperte o lado “humano” do aluno, um ensinar baseado no diálogo, na troca de saberes, do crescimento mútuo, de estar disposto a crescer juntos. Uma formação para cidadania e para ética requer ruptura de paradigmas, um novo olhar em busca de uma educação transformadora. No próximo capítulo faremos uma breve reflexão sobre o Ensino Religioso na legislação brasileira e daremos enfoque à formação cidadã através desta disciplina.



---

<sup>29</sup> MORIN, 2011, p. 99.

## 2 O ENSINO RELIGIOSO NA LEGISLAÇÃO BRASILEIRA E A FORMAÇÃO CIDADÃ

O Ensino Religioso no Brasil como disciplina do currículo dos alunos/as de escolas públicas, sofreu grandes transformações e adaptações ao longo dos séculos. O que inicia como ferramenta de poder e catequese, hoje mostra outra roupagem, que ainda precisa de evolução e adequação, mas que teve grandes avanços ante as entidades que pesquisam e visam melhorar a referida disciplina como componente curricular, como por exemplo, o FONAPER, que hoje no Brasil tem sediado grandes discussões em torno do tema.

Veremos no desenrolar dos três tópicos a seguir um pouco dessa evolução e do por que esta disciplina contribui para a formação cidadã sob a perspectiva de alguns autores. Ao final, encerra-se com uma discussão sobre ética e valores na formação discente.

### 2.1 Breve Histórico

Desde o início da colonização brasileira a educação esteve atrelada à questão religiosa.

Ali estava com o Capitão a bandeira da Ordem da Cavalaria de Cristo, com quem saíra de Belém, a qual esteve sempre alta, da parte do Evangelho. Acabada a missa, desvestiu-se o Padre e subiu a uma cadeira alta; e nós todos lançados por essa areia. E pregou uma solene e proveitosa pregação da história evangélica; e no fim tratou da nossa vinda e do achamento desta terra, referindo-se à Cruz, sob cuja obediência viemos, lembrança que veio muito a propósito e fez muita devoção (Pero Vaz de Caminha).<sup>30</sup>

Quando os portugueses chegam ao Brasil, uma forma de controle usada pelos colonizadores com os habitantes aqui existentes foi a doutrinação, a catequese:

Sabe-se que os objetivos do empreendimento marítimo lusitano continham uma dimensão religiosa e missionária. Os propósitos materiais vinham mesclados, em maior ou menor intensidade, com os propósitos de ‘converter’ os gentios. O Estado português, oficialmente católico, pretendia subjugar e incorporar os indígenas à religião cristã, como de resto, à cultura portuguesa.<sup>31</sup>

O ensino de religião (cristianismo católico) era ministrado em sala de aula e fazia parte da cultura e vida social da época. Interessante que em 1824, na primeira Constituição

<sup>30</sup> BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz religiosa brasileira*. Religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003. p. 90.

<sup>31</sup> BITTENCOURT FILHO, 2003, p. 93.

Política do Império do Brasil, podemos observar de forma nítida a marcante e imposta religião católica:

Manda observar a Constituição Política do Império, oferecida e jurada por Sua Majestade o Imperador. Dom Pedro Primeiro, por graça de Deus, e unânime aclamação do povo, Imperador Constitucional e Defensor Perpétuo do Brasil: Fazemos saber a todos os nossos súditos que, tendo-nos requerido os povos deste Império, juntos em câmaras, que nós quanto antes jurássemos e fizéssemos jurar o projeto de Constituição, que havíamos oferecido às suas observações para serem depois presentes à nova Assembleia Constituinte, mostrando o grande desejo que tinham de que ele se observasse já como Constituição do Império, por lhes merecer a mais plena aprovação, e dele esperarem a sua individual e geral felicidade política: Nós juramos o sobredito projeto para o observarmos e fazermos observar, como Constituição, que de ora em diante fica sendo deste Império, a qual é do teor seguinte:

Em nome da Santíssima Trindade.

No início do texto da carta magna do país já havia uma invocação dogmática cristã, “em nome da Santíssima Trindade”. Ao longo dos seus artigos o tema da religião volta a aparecer:

Art. 5º A Religião Católica Apostólica Romana continuará a ser a religião do Império. Todas as outras religiões serão permitidas com seu culto doméstico, ou particular, em casas para isso destinadas, sem forma alguma exterior de templo.

Art. 95. Todos os que podem ser eleitores são hábeis para serem nomeados deputados. Excetuam-se:

3º) Os que não professarem a religião do Estado.

Art. 103. O Imperador antes de ser aclamado, prestará nas mãos do Presidente do Senado, reunidas as duas câmaras, o seguinte juramento - Juro manter a Religião Católica Apostólica Romana, a integridade, e indivisibilidade do Império; observar e fazer observar a Constituição Política da Nação brasileira, e mais leis do Império, e prover ao bem geral do Brasil, quanto em mim couber.

Art. 106. O herdeiro presuntivo, em completando quatorze anos de idade prestará nas mãos do Presidente do Senado, reunidas as duas Câmaras, o seguinte juramento - Juro manter a Religião Católica Apostólica Romana, observar a Constituição Política da Nação Brasileira, e ser obediente às leis e ao Imperador.

Art. 141. Os conselheiros de Estado, antes de tomarem posse, prestarão juramento nas mãos do Imperador de - manter a Religião Católica Apostólica Romana; observar a Constituição e as leis; ser fiéis ao Imperador, aconselhá-lo segundo suas consciências, atendendo somente ao bem da Nação.

Art.179.

5º) Ninguém pode ser perseguido por motivo de religião, uma vez que respeite a do Estado, e não ofenda a moral pública.<sup>32</sup>

São mais de trezentos anos desde o descobrimento do Brasil até a primeira constituição, e o ER sendo usado como “ensino da religião oficial”:

A religião passa a ser um dos principais aparelhos ideológicos do Estado, concorrendo para o fortalecimento da dependência ao poder político por parte da igreja. Dessa forma, a instituição eclesial é o principal sustentáculo do poder

<sup>32</sup> CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO DO BRASIL. Carta de Lei de 25 de março de 1824. Disponível em: <<https://goo.gl/McYx8y>>. Acesso em: 15 out. 2016.

estabelecido, e o que se faz na Escola é o Ensino da Religião Católica Apostólica Romana.<sup>33</sup>

Com a implantação do Regime Republicano, no ano de 1891 é publicada a primeira Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil onde expressa que “será leigo o ensino ministrado nos estabelecimentos oficiais de ensino”. Teoricamente o ensino seria de forma livre, mas na prática “o Ensino da Religião continuava presente pelo zelo de fidelidade dos princípios estabelecidos sob a orientação da Igreja Católica”<sup>34</sup>.

Em 1934, uma nova Constituição é publicada, e o ER conforme o artigo 153:

O ensino religioso será de matrícula facultativa e ministrado de acordo com os princípios da confissão religiosa do aluno manifestada pelos pais ou responsáveis e constituem matéria dos horários nas escolas primárias, secundárias, profissionais e normais.<sup>35</sup>

A Constituição de 1937, no artigo 133 afirmava:

O ensino religioso poderá ser contemplado como matéria do curso ordinário das escolas primárias, normais e secundárias. Não poderá, porém, constituir objeto de obrigação dos mestres ou professores, nem de frequência compulsória por parte dos alunos.<sup>36</sup>

Na Constituição de 1946, artigo 168 trás o seguinte texto: “O ensino religioso constitui disciplina dos horários das escolas oficiais, é de matrícula facultativa e será ministrado de acordo com a confissão religiosa do aluno, manifestada por ele, se for capaz, ou pelo seu representante legal ou responsável”. A Constituição de 1967 traz no artigo 168 que “o ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas oficiais de grau primário e médio”<sup>37</sup>.

Na Constituição de 1988, artigo 210 traz “O ensino religioso, de matrícula facultativa, constituirá disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino fundamental”<sup>38</sup>. Em 1997 é decretada a Lei 9.475, que altera a redação do art. 33 da Lei nº 9.394 do ano de 1996, passando para a seguinte redação:

O ensino religioso, de matrícula facultativa, é parte integrante da formação básica do cidadão e constitui disciplina dos horários normais das escolas públicas de ensino

<sup>33</sup> PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. *Ensino Religioso*. Fórum Nacional Permanente do Ensino Religioso. São Paulo. Mundo Mirim: 2009. p. 24.

<sup>34</sup> PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS. 2009. p. 25.

<sup>35</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/oowZVW>>. Acesso em: 15 out. 2016.

<sup>36</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/Bq2qoN>>. Acesso em: 15 out. 2016.

<sup>37</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/rkkfS7>>. Acesso em: 15 out. 2016.

<sup>38</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/RWSZtR>>. Acesso em: 15 out. 2016.

fundamental, assegurado o respeito à diversidade cultural religiosa do Brasil, vedadas quaisquer formas de proselitismo.<sup>39</sup>

Importante lembrar que as transformações e legislações foram resultado de debate, no âmbito político, social e religioso. No dia 26 de setembro do ano de 1995 foi criado o Fórum Nacional de Reflexão Permanente do Ensino Religioso (FONAPER), que visa dentre outras coisas discutir sobre o Ensino Religioso sob as normas do Art. 33 da Lei 9.475, que embora tenha trago soluções, trouxe também dúvidas e barreiras a serem rompidas. Ainda há muito a ser trabalhado nesta temática.

No Espírito Santo, no ano de 1990, a Secretaria do Estado de Educação - SEDU, produz a Proposta Curricular para o Ensino Fundamental – Ensino Religioso, que traz como objetivo geral: “Promover a compreensão, a interpretação e a (re)significação da religiosidade e do fenômeno religioso em suas diferentes manifestações, linguagens e paisagens religiosas presentes nas culturas e nas sociedades”<sup>40</sup>.

Atendendo o § 1º da Lei 9.475 que diz que “Os sistemas de Ensino ouvirão entidade civil constituída pelas diferentes denominações religiosas, para a definição dos conteúdos no Ensino Religioso”<sup>41</sup>, foi reconhecido e credenciado no dia 26 de setembro de 2006, o Conselho de Ensino Religioso do Estado do Espírito Santo – CONERES como Entidade Civil representativa para o Ensino Religioso no Estado, através do decreto Nº 1735-R.

No ano seguinte foi produzido pela SEDU, as Diretrizes e orientações sobre o Ensino Religioso no Estado do Espírito Santo:

O objeto do Ensino Religioso é o estudo das diferentes manifestações do sagrado no coletivo. Seu objetivo é analisar e compreender o sagrado como o cerne da experiência religiosa do cotidiano que nos contextualiza no universo cultural. Assim sendo, no espaço escolar justifica-se este estudo por fazer parte do processo civilizador da humanidade.<sup>42</sup>

Em 2009, a Secretaria do Estado de Educação do Espírito Santo publica o Currículo Básico da Escola Estadual, que traz no currículo o objetivo geral do Ensino Religioso “Promover a compreensão, a interpretação e a (re)significação da religiosidade e do fenômeno religioso em suas diferentes manifestações, linguagens e paisagens religiosas presentes nas

<sup>39</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/UgMcTZ>>. Acesso em: 15 out. 2016.

<sup>40</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/BCwbKR>>. Acesso em: 11 jun. 2015.

<sup>41</sup> Disponível em: <<https://goo.gl/v6r3VT>>. Acesso em: 15 out. 2016

<sup>42</sup> DIRETRIZES E ORIENTAÇÕES SOBRE O ENSINO RELIGIOSO NO ESTADO DO ESPÍRITO SANTO

culturas e nas sociedades”<sup>43</sup>. É a mesma redação de 1990 quando se produziu a Proposta Curricular para o Ensino Fundamental – Ensino Religioso, conforme citado anteriormente.

Atualmente a disciplina Ensino Religioso está distribuída em cinco importantes Eixos: culturas e tradições religiosas; escrituras sagradas e/ou tradições orais; teologias, ritos e ethos.

O Eixo Culturas e Tradições Religiosas, traz conteúdos que abrangem a filosofia, história, sociologia e psicologia em relação a tradição religiosa:

É o estudo do fenômeno religioso à luz da razão humana, analisando questões como: função e valores da tradição religiosa, relação entre tradição religiosa e ética, teodiceia, tradição religiosa natural e revelada, existência e destino do ser humano nas diferentes culturas.<sup>44</sup>

O Eixo Escrituras Sagradas e/ou Tradições Orais, tem conteúdos que abrangem o estudo sobre revelação, história das narrativas sagradas, contexto cultural e exegese:

São os textos que transmitem, conforme a fé dos seguidores, uma mensagem do Transcendente, em que, pela revelação, cada forma de afirmar o Transcendente faz conhecer aos seres humanos seus mistérios e sua vontade, dando origem às tradições. E estão ligados ao ensino, à pregação, à exortação e aos estudos eruditos.<sup>45</sup>

O Eixo Teologias estuda conteúdos sobre divindades, verdades de fé e vida além da morte:

É o conjunto de afirmações e conhecimentos elaborados pela religião e repassados para os fiéis sobre o Transcendente, de um modo organizado ou sistematizado. Como o Transcendente é a entidade ordenadora e senhor absoluto de todas as coisas, expressa-se esse estudo nas verdades de fé.<sup>46</sup>

O Eixo Ritos estuda os rituais, símbolos e espiritualidades, e o Eixo Ethos estuda os conteúdos que abrangem a alteridade, valores e limites, sendo este:

É a forma interior da moral humana em que se realiza o próprio sentido do ser. É formado na percepção interior dos valores, de que nasce o dever como expressão da consciência e como resposta do próprio “eu” pessoal. O valor moral tem ligação com um processo dinâmico da intimidade do ser humano e, para atingi-lo, não basta deter-se à superfície das ações humanas.<sup>47</sup>

<sup>43</sup> CURRÍCULO BASICO DA ESCOLA ESTADUAL. p. 139

<sup>44</sup> PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2009, p. 50.

<sup>45</sup> PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2009, p. 51.

<sup>46</sup> PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2009, p. 53.

<sup>47</sup> PARÂMETROS CURRICULARES NACIONAIS, 2009, p. 55.

Os eixos e os materiais disponíveis são importantes e precisam ser aprimorados, criar novas ferramentas e forma de capacitação e criação de ferramentas que disciplinem a atuação dos professores. No próximo tópico veremos como o Ensino Religioso pode contribuir para uma formação pautada na cidadania.

## 2.2 Ensino Religioso e formação cidadã

Ao longo dos quatro primeiros séculos, o Brasil se constituiu como uma sociedade unirreligiosa, tendo o catolicismo como a sua religião oficial. Ser católico não era uma opção pessoal, mas uma condição para a plena cidadania. Noutras palavras, só eram considerados cidadãos de direitos aqueles que professavam a fé católica.<sup>48</sup>

O Ensino Religioso nasce nos parâmetros da sociedade à época. Como ferramenta de formação cidadã nos moldes de uma sociedade católica, o ensino então era a catequese. Ensinava-se a ser católico. Pensar na contribuição do Ensino Religioso em um estado laico e em um cenário onde encontramos uma sociedade plural, para muitos chega a ser um absurdo, dado a peculiaridade do assunto, tanto que é constante a discussão até mesmo de se manter ou não o Ensino Religioso nas escolas públicas.

Mas o Ensino Religioso precisa ser visto de forma atualizada, não mais como uma ferramenta de catequese, mas sim como uma ferramenta de “libertação” rumo a novos conceitos a contribuir para a formação cidadã do aluno, tratando de assuntos que os faça refletirem, analisar, a conviver e a respeitar a pluralidade cultural, diversidade sexual e desigualdade social, que são hoje alguns dos desafios sociais que precisam ser superados.

Despertar no aluno o interesse em conhecer o diferente, pois como mencionamos no primeiro capítulo, o diferente gera medo, e o medo gera a discriminação e tantas outras coisas ruins. Então é preciso dialogar, falar, interagir com o aluno, colocar em prática os saberes apresentados por Morin, para uma educação pautada no respeito e no diálogo.

Além disso, entendemos ainda que:

Ensina-se religião para ter maior consciência de seu significado na vida do indivíduo e sua função na sociedade. Discernir o dado religioso e assumir posturas cidadãs perante suas manifestações e relações com as diversas dimensões da vida humana é uma habilidade indispensável para a educação dos cidadãos oriundos de qualquer credo, ou mesmo sem nenhum credo. No mundo globalizado, as diferenças culturais e religiosas misturam-se e confrontam-se de maneira direta ou virtual – de ambas as formas reais – na vida cotidiana e desafiam os cidadãos a terem sobre elas uma visão e uma postura. Visão crítica, tolerância e relacionamento com as alteridades, hoje

<sup>48</sup> FONAPER. Capacitação para um novo milênio. Cadernos de Estudo, n. 2. Curso de Ensino Religioso a distância. São Paulo: FONAPER, 2000. p. 07.

tão efervescentes, são pautas atuais indispensáveis da educação para a plena cidadania.<sup>49</sup>

### Importante ainda a compreensão de que

O ER tem como objeto e razão algo de todos, e que a todos toca de alguma forma; tem como base epistemológica os estudos científicos de religião acumulados no curso da elaboração das ciências humanas modernas e como objetivo a educação dos cidadãos.<sup>50</sup>

Para o Ensino Religioso ser pautado na formação cidadã, o papel do professor é de suma importância, pois cabe a ele contribuir para a formação cidadã de seu aluno, estimulando-o a entender seu papel social. Independente de sua cultura/religião é preciso ser zeloso na forma de transmitir o conhecimento de forma planejada e madura a fim de formar o cidadão para a vida, trabalhando o fenômeno religioso de forma que estimule o educando a entender seu papel no âmbito social, manifestando suas convicções religiosas de forma madura sem ferir o posicionamento e liberdade do outro.

É preciso praticar o respeito, entender as diferenças que nos cercam e saber dialogar com elas, nos colocar no lugar do outro para uma melhor compreensão. Como Freire sinaliza:

Precisamos desde a mais tenra idade formar as crianças na “Cultura da Paz”, que necessita desvelar e não esconder, com criticidade ética, as práticas sociais injustas, incentivando a colaboração, a tolerância com o diferente, o espírito de justiça e da solidariedade.<sup>51</sup>

Neste sentido, a chamada Empatia ou Sensibilidade Social se tornam eficientes. Despertar a empatia no aluno seria um grande passo, pois um indivíduo que possui empatia sabe se colocar no lugar do outro a fim de compreendê-lo e saber como este se sente. “A empatia é alimentada pelo autoconhecimento; quanto mais consciente estivermos acerca de nossas próprias emoções, mais facilmente poderemos entender o sentimento alheio”<sup>52</sup>.

Sendo um dos aspectos mais importantes nas relações humanas, a empatia é definida por Minicucci, como “uma aptidão para sentir o que os outros pensam e sentem”<sup>53</sup>. Ainda segundo Minicucci, a empatia se desenvolve a partir da melhoria do autoconhecimento, da

<sup>49</sup> SENA, 2007, p. 37.

<sup>50</sup> SENA, 2007, p. 41.

<sup>51</sup> FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação*: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2006, p. 391.

<sup>52</sup> GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional: A teoria revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995. p. 109.

<sup>53</sup> MINICUCCI, 1989, p. 26.

compreensão dos outros, da convivência em grupo e no desenvolvimento de aptidões para relacionamentos mais eficientes com os demais.<sup>54</sup>

O autoconhecimento é quando o indivíduo descobre como age e por que age e tenta descobrir formas de melhorar o comportamento. Goleman diz que as pessoas autoconscientes “são autônomas e conscientes de seus próprios limites, gozam de boa saúde psicológica e tendem ter uma perspectiva positiva sobre a vida”<sup>55</sup>.

Quando as pessoas se autoconhecem, elas ficam mais aptas a conhecerem ao próximo.

Depois que comecei a me entender melhor, posso tentar entender melhor os outros. Entendi as barreiras e defesas que limitam meu relacionamento. Estabeleci, portanto, as metas: compreender melhor quem eu sou e compreender melhor os outros.<sup>56</sup>

O Ensino Religioso é ferramenta valiosa para o despertar do autoconhecimento no aluno e da interpretação à luz do conjunto cultural que o rodeia. Compreendendo aos demais e compreendendo a si mesmo facilita a convivência em grupo. O professor de Ensino Religioso precisa desta percepção, entender além das diferenças em termos gerais de estudo e conhecimento, entender as diferenças que circundam e norteiam seus alunos, para assim planejar suas aulas de forma eficiente e eficaz, sem ferir o posicionamento deles.

O autoconhecimento citado anteriormente se torna importante ainda porque o professor precisa conhecer seus limites, independente de seu credo, ele está em sala de aula para ensinar de forma “científica”, ou seja, passar um conhecimento além de sua subjetividade, sem medo de novas ideias, novos conceitos, sem se sentir juiz de suas próprias teorias, maturidade, se conhecer e conhecer ao próximo, ser no exercício de suas profissão um semeador do bem, da paz, da igualdade e que tenha um ensinar aberto ao diálogo sem proselitismo, lembrando do que Morin fala do autoexame crítico que, “permite que nos descentremos em relação a nós mesmos, por conseguinte, que reconhecamos e julgemos nosso egocentrismo. Permite que não assumamos a posição de juiz de todas as coisas”<sup>57</sup>.

Falamos de pontos importantes como a empatia e o autoconhecimento, mas é importante também mencionarmos o necessário conhecimento das religiões brasileiras e de suas respectivas contribuições no âmbito social da nação. Uma formação cidadã contribui

<sup>54</sup> MINICUCCI, 1989, p. 28.

<sup>55</sup> GOLEMAN, 1995, p. 61

<sup>56</sup> GOLEMAN, 1995, p. 61.

<sup>57</sup> MORIN, 2011, p. 87.

para que o aluno conheça o conjunto cultural que norteia determinada etnia, e a diversidade que elas em si mesmo abrigam, e nele desperte o respeito por cada uma delas.

### 2.3 Ética e valores na formação cidadã

Pensar em ética e cidadania para a formação tanto do docente do Ensino Religioso quanto dos discentes é necessário e urgente. Sabemos que uma das principais fontes de aprendizagem de uma criança é por meio da vivência e observação. A criança observa e replica o que vê, estando em constante estado de aprendizagem. Se o ambiente é propício para coisas boas e que preservam a vida, é muito provável que coisas boas serão reproduzidas. E na medida em que vai se desenvolvendo, outras habilidades vão sendo aprimoradas, como o discernimento.

Podemos dizer que os valores morais no primeiro momento serão reproduzidos à medida que pessoas e ou instituições estejam engajadas nesse ensinamento. O papel da família no primeiro momento é crucial, mas o que dizer de crianças que crescem sem referência de valores em ambiente familiar? Quantas crianças estão a mercê de situações que comprometem seu caráter e seu futuro? E o papel da escola nesse processo? Apesar de que para muitos a escola não teria essa finalidade, para alguns alunos pode ser a principal referência, o último e único recurso. Esse recurso então, até por questões morais, precisa ser bem utilizado.

A escola precisaria estar preparada para transmitir e criar o elo que em muitas personalidades ainda não foi desenvolvido, o elo da cidadania, que só é possível à medida que os valores morais sejam ensinados, assimilados e exercitados. A escola precisaria investir também esforços para formar cidadãos, conduzindo ações que favoreçam a inscrição dos indivíduos no interior do corpo social, porque “aprendemos a ser cidadãos, assim como aprendemos quase tudo, e o fazemos não por força da lei e do castigo, e sim por gosto”<sup>58</sup>.

A responsabilidade é da escola? Não. Mas a escola tem mais ferramentas para fazer isso, tem mais autoridade na convivência com a família. Porque a escola se dedica à educação formalizada especializada e os pais, como um ou outro que tem dois ou três filhos, não formam uma entidade de pais. A escola é uma entidade coletiva por princípio. Uma família é uma entidade de poucas pessoas. Pais e mães ficam muito mais isolados em relação às suas angústias, ficam muito mais abandonados no dia a dia em relação a essas agruras do que a escola.

A iniciativa nessa direção deve partir da escola. Demora, é complicado, mas não é impossível.<sup>59</sup>

<sup>58</sup> CORTINA, 2005, p. 172.

<sup>59</sup> CORTELLA, 2015, p. 87.

São requeridas ferramentas que auxiliem no ensino e exercício desses valores. Mas o que podemos definir como valores morais e que valores seriam esses?

[...] para arrumar nossa vida contando com os valores teremos de levar em conta pelo menos duas instâncias: nosso sentido criativo e o ater-se à realidade. Não podemos prescindir de nenhum dos dois, uma vez que ambos são necessários para construir essa moradia que é a vida humana. Isso nos leva a inferir que aquele subjetivismo dos valores é insustentável, que os valores valem e que além disso põem o mundo em condições para que os seres humanos o habitem. Porque um mundo injusto, não-solidário e sem liberdades, um mundo sem beleza ou sem eficácia, não reúne as condições mínimas de habitabilidade. E é por esse motivo que somos convidados, e até impelidos, a lhes dar corpo com criatividade.<sup>60</sup>

Os valores morais seriam então o que norteia o bem comum social, aquilo que fazemos para que onde vivemos seja melhor, onde nos tornamos de fato humanos.

[...] qualquer ser humano para sê-lo plenamente, deveria ser livre e aspirar à igualdade entre os homens, deveria ser justo, solidário e respeitar ativamente sua própria pessoa e as outras pessoas, trabalhar pela paz e pelo desenvolvimento dos povos, conservar o meio ambiente e entregá-lo às gerações futuras não pior do que o recebeu, tornar-se responsável por aqueles que entregaram a seus cuidados e estar disposto a resolver por meio do diálogo os problemas que podem surgir com aqueles que compartilham com ele o mundo e a vida.<sup>61</sup>

Podemos citar alguns valores como respeito, alteridade, solidariedade, valorização da natureza, liberdade, igualdade, direitos e deveres. Uma reflexão interessante sobre liberdade é abordada por Cortella:

na vida coletiva, a minha liberdade não acaba quando começa a do outro. A minha liberdade acaba quando acaba a do outro. Se alguém não for livre, ninguém será livre. Se alguém não for livre da fome, ninguém será livre da fome. Se alguém não for livre da violência, ninguém será livre da violência. Escrevo que ser humano é ser junto. Se uma criança não for livre da falta de escola, ninguém será livre da falta de escola. Se alguma mulher não for livre da agressão, do machismo, da violência doméstica, ninguém será livre. Estou trabalhando a ideia de liberdade no duplo caminho possível: “livre de” e “livre para”.<sup>62</sup>

Pensar e ensinar liberdade sob essa abordagem é o caminho, uma liberdade que não é egoísta, que leva a pessoa a ter respeito pelo próximo, assim como ser solidário.

A ética não é apenas a zeladoria daquilo que está estabelecido, mas a construção conjunta das condições para aquilo que desejamos, porque, podendo ser, deve ser. Se pode, deve. E pode. Como sabemos que pode ser uma vida coletivamente zelada? Porque nós temos ferramentas, arsenal tecnológico, intelectual e cognitivo, que já

<sup>60</sup> CORTINA, 2005, p. 176.

<sup>61</sup> CORTINA, 2005, p. 180.

<sup>62</sup> CORTELLA, 2015, p. 12.

permitem condições de um zelo coletivo, no qual não haja segregação, seja na convivência, seja no acesso a recursos materiais. Portanto, só não temos abundância para todas e todos porque não o queremos.<sup>63</sup>

Isso pode ser ensinado aos alunos, dia após dia, o gosto pelo ato de partilha, de justiça, ter compaixão pelo próximo: “fazer a formação de pessoas para que consigam entender o sucesso individual, a partir da referência da abundância coletiva, é decisivo”<sup>64</sup>.

O que é justiça? É quando cada pessoa tem a partilha da produção coletiva da vida, de modo que ninguém tenha carência sem alternativa de solução. O que é paz? É a presença da justiça. Se a justiça estiver presente, a paz virá à tona. É a ideia da ética tendo a paz como horizonte. Não é a paz apenas como ausência de conflito. É a paz do espírito, a paz do dever cumprido, a paz advinda da satisfação de ter feito o bem.<sup>65</sup>

Ensinar o prazer de fazer o bem, de ajudar ao próximo, exercer a cidadania e respeito ainda que “perca alguma coisa”, mas que ao fazê-lo ainda assim se sinta em paz. Essa experiência de aprendizado precisa dar-se comunitariamente, sendo o ambiente escolar muito propício para essa experiência, pois além de congregar diferentes grupos sociais, promove encontros regulares, permite a convivência, exercícios de interação, facilitadores da interação, entre outros.

E ainda é necessário ensinar e cultivar a se ter a piedade. Como afirma Cortella: “o que é piedade? Quando tenho piedade de alguém, não quer dizer que sinto pena da pessoa. É que, como quero respeitá-la, existem coisas que eu não quero mais fazer para que ela sofra ainda mais”<sup>66</sup>. A piedade é importante para que as pessoas não fiquem cruéis, aprender a dizer a verdade sem humilhar ao próximo, saber sentir a dor do outro. E isto vale para o educador: “quem educa precisa corrigir sem ofender, orientar sem humilhar. Precisa conviver com essa virtude, que é a piedade”<sup>67</sup>.

Esses valores se ensinados de forma disciplinada, otimista e perseverante, a probabilidade de uma geração fortalecida em valores, que saiba respeitar, partilhar, ter piedade, entender o outro, sabendo que apesar de diferentes em características, somos iguais em valor. No próximo capítulo avançaremos na sistematização do ensino e aprendizagem dos valores, tendo em vista uma formação cidadã no Ensino Religioso.

<sup>63</sup> CORTELLA, 2015, p. 29.

<sup>64</sup> CORTELLA, 2015, p. 30.

<sup>65</sup> CORTELLA, 2015, p. 31.

<sup>66</sup> CORTELLA, 2015, p. 67.

<sup>67</sup> CORTELLA, 2015, p. 69.

### 3 PRÁTICAS PEDAGÓGICAS PARA FORMAÇÃO CIDADÃ E ÉTICA A PARTIR DO ENSINO RELIGIOSO

Neste último capítulo nos concentraremos nas práticas pedagógicas, buscando ser mais propositivos. A intenção é mostrar que por meio de dinâmicas de grupo e usando a criatividade o docente poderá encontrar maneiras acertadas de envolver os estudantes e motivá-los a aprender. Cidadania e ética não são temas apenas para reflexões intelectuais, mas devem, sobretudo, alcançar a vida dos estudantes. Se eles conseguirem conectar o tema com a conjuntura e com a vida social, terão mais condições de desenvolver sua participação social crítica e cidadã. O capítulo termina com propostas concretas de dinâmicas para a sala de aula a partir dos grandes desafios apontados no primeiro capítulo.

#### 3.1 Dinâmicas de Grupo como prática pedagógica: teoria e prática

Entre os anos de 1939 a 1946, Kurt Lewin desenvolveu estudos sobre a dinâmica de grupo, onde defendia que somente pelo estudo dos pequenos grupos é que se poderia compreender o macrogrupo. Um dos intuítos de Lewin era testar hipóteses, reformular teorias, analisar problemas de comunicação e verificar interações.

A dinâmica de grupo desenvolve e pesquisa experiências e estudos sobre a psicologia dos grupos de tarefa e a psicologia dos grupos de formação. Passou a interessar-se pela autenticidade das relações interpessoais, tanto nos meios organizados como nos espontâneos. Passou a pesquisar também o exercício da autoridade dos grupos de trabalho, de formação e pedagógicos.<sup>68</sup>

Segundo Minicucci, no ano de 1944, a expressão dinâmica de grupo aparece pela primeira vez em um artigo publicado por Kurt Lewin.<sup>69</sup> Ainda segundo o autor, várias disciplinas contribuíram para elaboração da teoria da dinâmica de grupo, sendo de interesse da pedagogia o grupo de aprendizagem e desenvolvimento do pensamento. Na área da educação ainda:

Os estudos de Dewey, o filósofo da democracia, assinalaram, como objetivo da educação, o preparo e a orientação da criança para a vida em sociedade; dessa forma, a escola deixaria de ser simplesmente uma transmissora de conhecimentos. Os trabalhos de Piaget no desenvolvimento do pensamento operatório contribuíram para a utilização do grupo como meio de integração da criança ao meio.

<sup>68</sup> MINICUCCI, Agostino. *Dinâmica de Grupo: Teorias e Sistemas*. 4. ed. São Paulo: Atlas, 1997. p. 16.

<sup>69</sup> MINICUCCI, 1997, p. 20.

No Brasil, as pesquisas de Lauro de Oliveira Lima desenvolveram a utilização do grupo dentro da linha piagetina.<sup>70</sup>

Os estudos mostraram que a possibilidade de correspondência entre diferentes ideias se torna possível quando os conceitos dos participantes não são rígidos tampouco limitados ao próprio ponto de vista, sendo o trabalho dos pequenos grupos um facilitador para múltiplos pontos de vista.

Piaget observou que a criança raciocina com mais lógica quando discute com outra, pois, frente ao companheiro, a primeira coisa que procura é evitar a contradição. Por outro lado, a objetividade, o desejo de comprovação, a necessidade de dar sentido às palavras e às ideias são não só obrigações sociais, como também condições do pensamento operatório.

Durante os períodos formativos do desenvolvimento do pensamento da criança, a lógica é além do mais, uma espécie de moral do pensamento, imposta e sancionada pelos outros.

É fácil observar que uma criança, diante de outras crianças e de adultos, adquire consciência dos pontos de vista diferentes do seu.

Mediante experiências de grupo, a criança aprende que, ante algo objetivo, podem-se adotar diferentes pontos de vista, que tais pontos de vista são, no entanto, correlatos, e que as diversas observações extraídas não são contraditórias, mas complementares.

Tal sistema de pontos de vista, afirma Piaget, não é mais que um agrupamento de conjunto, fundamento do grupo.

A partir disso, pode-se afirmar que a criança que intercambia em grupo suas ideias, com seus semelhantes, bem como o adulto, tende a organizar de maneira operatória seu próprio pensamento.

O grupo favorece o desenvolvimento do chamado pensamento operatório.

Os contatos sociais da criança desempenham papel de primeira importância em seu desenvolvimento intelectual.<sup>71</sup>

Interessante observar que a integração da criança ao meio gera inúmeros benefícios, como o raciocínio com mais lógica, o desenvolvimento do poder de argumentação, a possibilidade de ter o próprio ponto de vista complementado por diversos outros pontos de vista organizando o próprio pensamento e tendo um eficiente desenvolvimento intelectual.

Minicucci, transcorrendo sobre a psicologia de Piaget, diz que na discussão em grupo, cada aluno descobre que seus colegas encaram de outro ângulo o objetivo em estudo e que, por isso, propõe soluções diferentes da sua, e assim, constroem um sistema de conjunto, reunindo as perspectivas num todo, e afirma que se o pensamento se torna lógico, a conduta torna-se participativa.

Interessante ainda observar que do ponto de vista da ética, as dinâmicas de grupo favorecem através do diálogo um ambiente de troca de saberes e neste sentido não há rivalidade e competição interpessoal que podem gerar ressentimentos, ou seja, é um espaço

<sup>70</sup> MINICUCCI, 1997, p. 23.

<sup>71</sup> MINICUCCI, 1997, p. 44.

aberto para novos saberes, e levando em consideração os sete saberes da educação do futuro, vemos com clareza a função das dinâmicas de grupo no centro da discussão que é o de gerar o conhecimento. No tópico a seguir vamos analisar as dinâmicas de grupo como fonte geradora de motivação.

### 3.2 Motivando o aluno a aprender e a participar

Saber quem é o aluno, sua história de vida, princípios e valores, será ferramentas importantes para o desenvolvimento de um ensino que se sobressaia ante os desafios atuais. Para motivar o aluno de forma adequada, o docente precisa saber mais que o conteúdo a ser ministrado, é necessário, também, competência para atrelar esse conteúdo pretendido com a realidade dos alunos e com os desafios do tempo presente.

Uma aula apenas teórica, não desperta o interesse nem a criatividade do aluno, pois falha em não promover a interação necessária entre o saber e o aprender. A aula deve ser reestruturada, como Paulo Freire sinaliza:

Não será, porém, com essa escola desvinculada da vida, centrada na palavra, em que é altamente rica, mas na palavra “milagrosamente” esvaziada da realidade que deveria representar, pobre de atividades em que o educando ganhe experiência do fazer, que daremos ao brasileiro ou desenvolveremos nele a criticidade de sua consciência, indispensável à nossa democratização.<sup>72</sup>

O professor precisa de uma prática pedagógica que o auxilie e direcione no caminho do diálogo e do respeito. Nesse sentido, as dinâmicas de grupo possuem a característica de aproximar, instigar e ajudar na expressão dos sentimentos, na construção do conhecimento e na motivação.

A dinâmica de grupo é ferramenta importante para o conhecimento mútuo, um espaço onde a voz de todos poderá ser ouvida, um espaço que faz florescer o diálogo.

Cada dinâmica procura atender a uma finalidade. Algumas proporcionam uma maior abertura da pessoa em relação às demais, facilitando a interação e o crescimento do grupo. Outras dinâmicas enriquecem a reflexão, fortalecendo o respeito, a valorização do diferente e o espírito de comunhão, requisitos indispensáveis para o diálogo e para o Ensino Religioso.<sup>73</sup>

<sup>72</sup> BEISIEGEL, Celso de Rui. *Paulo Freire*. Recife: Massangana, 2010. p. 36.

<sup>73</sup> PONICK, Edson; WITT, Maria Dirlane (Coords.). *Dinâmicas para o Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2008. p. 07.

Essa abertura que a dinâmica de grupo proporciona faz florescer no aluno o entusiasmo, o desejo em se expressar, produz um diálogo sem culpas, onde ele ouve e é ouvido, onde analisa, assimila e aprende a valorizar o diferente, e importante ainda é que esse diálogo junto à prática proporcionada pela dinâmica leva à compreensão, que é um dos grandes ideais de uma educação que atinja seus objetivos.

O trabalho de grupo educa não só pela força de costume: brinda experiências. A criança experimenta em seu próprio ser o que é a comunidade. Sente as consequências do comportamento acertado e ineficiente. Compreende a comunidade como o âmbito no qual pode dar expressão a sua personalidade, mas unicamente observam-se suas leis e regras de jogo.<sup>74</sup>

Essa possibilidade favorecida pelas dinâmicas de grupo gera o sair da rotina, o aluno passa de expectador passivo para ativo, ele interage, reage e compreende.

Explicar não basta para compreender. Explicar é utilizar todos os meios objetivos de conhecimento, que são, porém, insuficientes para compreender o ser subjetivo. A compreensão humana nos chega quando sentimos e concebemos os humanos como sujeitos; ela nos torna abertos a seus sofrimentos e suas alegrias. Permite-nos reconhecer no outro os mecanismos egocêntricos de autojustificação, que estão em nós, bem como as retroações positivas (no sentido cibernético do termo) que fazem degenerar em conflitos inexplicáveis as menores querelas. É a partir da compreensão que se pode lutar contra o ódio e a exclusão.<sup>75</sup>

O Ensino Religioso lida com assuntos que mexem com o subjetivo das pessoas, e lidar com o subjetivo é complexo, e não dá para fazer isto apenas com teorias, ou aulas expositivas, é preciso um mergulhar no mundo, no olhar do outro, a fim de gerar uma reflexão, que por sua vez, gera o respeito e a valorização pelo próximo, quebrando dessa forma barreiras e preconceitos.

Embora esse recurso pedagógico possa parecer trabalhoso, para o educador inflamado será sempre uma oportunidade de crescer e aprender juntos.

Quando trabalhamos com dinâmicas, a rigidez inicial de educandos e educandas, aos poucos, vai dando lugar para os olhares, as escutas, o diálogo, a troca de saberes. O fechamento inicial vai cedendo espaço para o convívio e o (re) conhecimento. A dinâmica parece atenuar resistências, possibilitando ao educando e à educanda olhar para sua história de vida. A partir daí, cada qual pode compreender melhor seu presente e compartilhar com colegas sua experiência religiosa, possibilitando a troca de saberes e revelando uma riqueza nem sempre percebida.<sup>76</sup>

<sup>74</sup> MINICUCCI, 1997, p. 246.

<sup>75</sup> MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010. p. 51.

<sup>76</sup> PONICK; WITT, 2008, p. 07.

A dinâmica de grupo é uma rica ferramenta para a tratativa dos temas da disciplina Ensino Religioso, dada a complexa subjetividade dos cinco eixos de conteúdo: Culturas e Tradições Religiosas, Escrituras Sagradas, Teologias, Ritos e Ethos.

No primeiro capítulo falamos de três desafios éticos do contexto social brasileiro: pluralidade cultural, diversidade sexual e desigualdade social. No tópico a seguir vamos propor dinâmicas para serem aplicadas em sala de aula a fim de dar tratativa a esses assuntos com base nos eixos de conteúdos da disciplina.

### **3.3 Proposta de dinâmicas éticas e cidadãs em sala de aula**

Apresentaremos a seguir uma seleção de dinâmicas para serem aplicadas em sala de aula por professores do Ensino Religioso tendo em vista os objetivos apresentados nos capítulos anteriores. Ao final de cada dinâmica é apresentado o momento de reflexão onde analisamos possibilidades de assimilação e compreensão. A sistematização se dará em três subtópicos de acordo com os três desafios levantados, isto é, os desafios da pluralidade cultural, da diversidade sexual e da desigualdade social, totalizando seis dinâmicas propostas para cada desafio. A metodologia consistiu em selecionar propostas de dinâmicas disponíveis na literatura, adaptando-as dentro dos objetivos desta pesquisa. Parte das dinâmicas foram transcritas, enquanto outras foram elaboradas. Cada dinâmica será apresentada na forma de tabela contendo cinco divisões, a saber: objetivo da dinâmica, material necessário, texto de apoio (quando houver), procedimento e reflexão proposta.

#### **3.3.1 *Proposta de dinâmicas sobre o tema Pluralidade Cultural***

Selecionamos seis dinâmicas sobre a temática da Pluralidade Cultural (PCL). O/A professor/a do Ensino Religioso poderá utilizar quantas achar necessário. Deve-se ter claro, no entanto, que as dinâmicas de grupo devem ser utilizadas com propósitos claros e com tempo determinado, para não se tornar um recurso de improvisação ou para simplesmente substituir uma aula formal. A dinâmica deve constar no planejamento do curso e com carga horária definida.

Dinâmica PCL 1: A arte de aprender com a vida<sup>77</sup>

Objetivo	Perceber que como indivíduos e como sociedade podemos aprender com outros povos e com as diferentes culturas.
Material	Meio quilo de argila para cada grupo e jornais.
Texto	Quando era pequenina, vi minha vovó fazendo uma panela de argila. Então, pedi para ensinar-me como se faz. Ela me explicou, dizendo: – Minha filha, primeiro você pega a argila e amassa bem, e faz a panela. Depois de pronta, deixe secar por um tempo. Quando estiver seca, queime junto com folhas secas de coqueiro. Depois de queimada, alise bem com uma pedrinha, e assim a panela estará pronta para assar. Fiquei muito contente. Agora já sei como fazer panela. Quando crescer e tiver filhos, quero ensinar. (Texto escrito por Jussimara Nãmba, índia Xokleng).
Procedimento	Formar grupos de até cinco pessoas. Cada grupo receberá meio quilo de argila e algumas folhas de jornal. O grupo molda uma panela com a argila.
Reflexão	Refletir sobre ... ... a partilha exercida entre os Xokleng onde entre eles não é costume acumular bens ou alimentos e se alguém tem algo sobrando divide e partilha com as outras pessoas do grupo – analisar a situação de fome que atinge tantas pessoas no Brasil. ... o modo como o conhecimento vai passando de uma geração para outra. ... a riqueza que há em culturas diferentes.

Nessa dinâmica há vários elementos a serem explorados. Primeiro, a questão cultural, com um pouco da história da etnia indígena Xokleng. A questão indígena é um tema transversal que deve ser tratado obrigatoriamente no ambiente escolar, e se não o for por consciência do docente ou da escola, deverá ser por coerção legal, uma vez que a lei 11.645/2008 obriga o ensino sobre a história e as religiões indígenas nas instituições escolares. A referida lei alterou o artigo 26-A da Lei 9.394, de 20 de dezembro de 1996, dando a seguinte redação:

Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

<sup>77</sup> Adaptada de PONICK; WITT, 2008, p. 42.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.<sup>78</sup>

Em segundo lugar, está a questão da partilha, de desenvolver a capacidade de compartilhar o que se tem, algo marcante nas culturas indígenas, mas que deve ser praticada também pelos não índios. Isto é, as comunidades indígenas, a partir de seus saberes milenares, têm muito a ensinar para nossas culturas, ditas civilizadas. Em terceiro lugar, está a questão da fome no mundo, que deve ser objeto de reflexão pelos estudantes, fazendo-os perceber que, pequenos gestos de solidariedade com o companheiro na escola podem fazer a diferença para o colega naquele dia. Em quarto, os saberes transmitidos como tradição cultural, como a técnica de se fazer a panela de barro. Existe um barro mais indicado, procedimentos a serem observados, entre outros elementos. O resultado final é fruto de muita observação e reflexão ao longo das gerações. Em quinto lugar, e não esgotando as possibilidades, a questão da diversidade cultural, uma vez que cada cultura tem peculiaridades e teria algo para ensinar às demais. A interação entre culturas poderá gerar novos conhecimentos para ambas as culturas em contato. Se a base da relação é o respeito e a vontade de aprender com o outro, haverá riquezas e saberes compartilhados.

#### Dinâmica PCL 2: A beleza das cores<sup>79</sup>

Objetivo	Conhecer e valorizar o outro, as diferenças
Material	Bonecos de papel branco, giz de cera, miçangas coloridas, elástico, cartolinas.
Texto	Não
Procedimento	Cada aluno pintará um boneco de papel com sua cor favorita. Dar oportunidade de cada aluno falar sobre sua cor favorita. Colar os bonecos em uma cartolina identificando-os.
Reflexão	Refletir sobre ... ... a importância do respeito com a opinião e diferença do outro; ... a importância do carinho ao semelhante e respeito a sua fé; ... a diversidade das cores; ... as diferentes etnias que formam a sociedade brasileira; ... igualdade de direitos e cidadania.

<sup>78</sup> BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 11.645, de 10 março de 2008*. Disponível em: <<https://goo.gl/R69fcg>>. Acesso em: 07 jun. 2018. [n.p.].

<sup>79</sup> Adaptado de JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *Alteridade, Culturas e Tradições: Atividade do Ensino Religioso para o Ensino Fundamental*. São Paulo: Cortez, 2009. p. 10.

Nesta dinâmica, as culturas podem ser comparadas às cores. Se somente existe a nossa cultura o mundo seria monocromático. Com a diversidade das culturas, e das cores, o mundo fica mais completo e mais belo. Cada uma tem seu lugar. É mais que reconhecer a diversidade cultural, trata-se de percebê-las como positivas. Isto é, a diversidade cultural é boa e necessária. Na disciplina Ensino Religioso, por exemplo, essa visão positiva sobre as diferentes culturas como cores deveria ser estendida para perceber as diferentes religiões também como diferentes cores. Não deveria existir somente minha religião. Os estudantes devem ser conduzidos a perceber que a diversidade religiosa também tem seu lugar. A fé do outro também é bela e deve ser respeitada. É uma questão de respeito e de direitos.

### Dinâmica PCL 3: Versão Lupina da História de Chapeuzinho Vermelho<sup>80</sup>

Objetivo	Propor elementos que favoreçam as relações sociais e o crescimento em grupo; refletir sobre as dificuldades para entender o ponto de vista dos outros; incentivar a postura de aproximar-se do mundo subjetivo do outro para entendê-lo, e desenvolver o conceito de empatia.
Material	Providenciar cópias do texto da versão lupina da história de chapeuzinho vermelho para ser entregue para cada aluno.
Texto	<p>Versão lupina da história de Chapeuzinho Vermelho</p> <p>Era uma vez um lobo muito inteligente e irrequieto, que vivia com seus pais na floresta. Sua mãe já havia avisado muitas vezes que não saísse da cova antes do cair da noite, para não esbarrar com algum ser humano que poderia machucá-lo.</p> <p>Mas, o lobinho, embora fosse muito esperto, era também muito desobediente e, sobretudo, adorava o perfume das flores, a sombra fresca que os ramos das árvores projetavam ao meio-dia e o canto dos azulões. Tão logo a mamãe loba sentava para assistir ao telejornal da manhã, e aproveitando que o papai lobo se encontrava na administração da mina de esmeraldas, o lobinho saía sorrateiramente da cova.</p> <p>Uma manhã, quando caminhava por uma careira da floresta, deu de cara com um exemplar da temida espécie humana. Cheio de pânico, esperou o disparo com os olhos fechados, porém logo percebeu que aquela menina vestida de vermelho não lhe faria nenhum mal, pois se limitava a observá-lo com curiosidade. O lobinho começou a conversar com ela e, após um tempinho, a menina, por pura ingenuidade, confessou-lhe que estava indo para a casa de sua avó com docinhos envenenados, porque a velha tinha deserdado os pais dela, e queria saber qual era o caminho mais curto.</p> <p>Em vez de voltar para casa, como seria prudente, o lobinho preferiu indicar o caminho mais comprido para a Chapeuzinho, enquanto ele pegava um atalho mais curto, para avisar a velhinha. É que o lobinho tinha o coração</p>

<sup>80</sup> Adaptado de SUÁREZ, Oscar. *Oficinas para crescimento em grupo*. 4. ed. São Paulo: Paulinas, 2001. p. 15.

	<p>tão grande quanto a boca.</p> <p>Lobinho chegou antes da impiedosa netinha à casa da avó, e nem bem havia informado a senhora sobre o atentado que Chapeuzinho pretendia realizar, quando ouviram a menina bater na porta. Assustada, a avó quis se esconder em algum canto escuro; não encontrando nada mais escuro do que a boca do lobo, escorregou sem vacilar pela goela do lobinho e se refugiou em seu estômago. Nós já havíamos dito que o lobinho tinha uma boca muito grande. Em seguida, ele vestiu uma touca que era da vovó antes que Chapeuzinho entrasse.</p> <p>Chapeuzinho aproximou-se do lobo disfarçado de vovozinha e bem depressa começou a desconfiar. “Que orelhas tão grandes você tem!” comentou. “São para lhe ouvir melhor”, respondeu o lobo. “E que mãos tão grandes você tem!”, acrescentou a garota. “São para lhe acariciar melhor”, disfarçou o lobinho. “E que boca tão grande você tem!”, observou Chapeuzinho.</p> <p>Quando o lobo estava para responder, a menina conseguiu ver no fundo de sua garganta os olhos apavorados da vovozinha e, perdendo toda a compostura, pegou um dos docinhos envenenados e atirou-se em busca da anciã pela bocarra aberta do pobre lobinho.</p> <p>Nesse mesmo instante, passava por ali um temível caçador, que, ao escutar o alvoroço, invadiu a casa e, assim que viu o lobinho, o cruel e sanguinário personagem arremessou-se contra ele armado com uma faca e o matou com o objetivo de utilizar sua pele para fazer um tapete de beira de cama. Para sua surpresa, da barriga do lobinho assassinado pularam a avó e Chapeuzinho, as quais, para proteger a imagem da família, calaram-se sobre a verdadeira história.</p> <p>Naquela noite, mamãe loba e papai lobo esperaram inutilmente o regresso do lobinho. E continuam ainda a aguardá-lo, com um fiozinho de esperança, porque não conseguem captar toda a profunda crueldade do coração humano. O que fizeram, simplesmente, foi registrar o filho como filhote desaparecido. (Daniel Samper Pizano)</p>
Procedimento	Lembrar os pontos principais da história tradicional de chapeuzinho vermelho, após pedir para ler de forma individual e silenciosa a “versão lupina” da história de chapeuzinho vermelho, ou seja, a história do ponto de vista dos lobos.
Reflexão	<p>Refletir sobre ...</p> <p>... as maiores dificuldades para entender o ponto de vista alheio;</p> <p>... subjetividade e respeito ao outro;</p> <p>... empatia.</p>

Esta dinâmica é uma rica reflexão do efeito devastador das ações que são tomadas por impulso e preconceito. A necessidade de abertura do conhecer o outro e interagir, se

conectar com o mundo subjetivo para compreendê-lo. Levar os estudantes a perceberem a importância do diálogo e empatia, ferramentas indispensáveis na convivência com o próximo.

#### Dinâmica PCL 4: Vivendo em Harmonia<sup>81</sup>

Objetivo	Identificar os símbolos e rituais das diferentes tradições religiosas.
Material	Papel e lápis.
Texto	Não
Procedimento	Pedir que cada aluno faça uma lista dos símbolos e rituais das manifestações do fenômeno religioso próprias de sua tradição religiosa; Dividir a turma em pequenos grupos para que façam as considerações entre a lista de cada integrante do grupo, Pedir que registrem em seus cadernos os símbolos mais citados e menos citados para compartilhar no grande grupo.
Reflexão	Refletir sobre ... ... a importância dos símbolos em todas as atividades religiosas; ... o conceito dos rituais.

Esta dinâmica aborda assuntos pertinentes ao eixo Ritos, onde o estudo dos símbolos das diversas manifestações religiosas leva o aluno a compreender o significado que esses símbolos possuem nas diversas atividades religiosas. Importante o professor levar os estudantes a perceberem a importância dos símbolos nas diversas culturas e atividades religiosas.

#### Dinâmica PCL 5: As Forças da Natureza<sup>82</sup>

Objetivo	Desenvolver o respeito pela natureza e pela tradição religiosa indígena.
Material	Dois garrafas descartáveis transparentes: uma recortada em cerca de $\frac{3}{4}$ de seu corpo e a outra em cerca de $\frac{1}{4}$ de seu corpo. A parte maior serve para fazer a montagem e a menor serve como tampa; terra; mudas de plantas; pedrinhas de aquário.
Texto	Não
Procedimento	Auxiliar os alunos na construção do terrário com as garrafas descartáveis; Montar as camadas, colocando primeiro as pedrinhas e depois a terra. Abrir buracos na última camada e plantar as mudas. Regar e tampar, providenciando boa vedação da tampa com fita adesiva. O terrário tem de receber luz, porém não deve ficar exposto diretamente ao sol. Acompanhar o fenômeno. Os alunos vão gostar de ver as gotinhas formando-se. Quando a umidade chega ao ponto de saturação, ocorre uma

<sup>81</sup> Adaptado de JUNQUEIRA, 2009, p. 16.

<sup>82</sup> Adaptado de JUNQUEIRA, 2009, p. 46

	espécie de chuva que devolve a água à terra.
Reflexão	Refletir sobre ... ... os índios e sobre sua relação com o meio ambiente e como a natureza está sempre presente na vida deles

Esta dinâmica leva o aluno a praticar conceitos relacionados a natureza e a valorização da cultura indígena. Momento oportuno para enfatizar o cuidado que todos devem ter com o meio ambiente. Lembrar que a responsabilidade é de todos e não apenas dos povos indígenas.

### Dinâmica PCL 6: As Religiões Indígenas<sup>83</sup>

Objetivo	Reconhecer elementos da espiritualidade indígena e conhecer os aspectos da cultura religiosa cotidiana dos povos indígenas.
Material	Caneta, caderno, palha de milho seca para construção da peteca.
Texto	Não
Procedimento	Auxiliar os alunos a fazerem uma peteca: dobrar a palha seca de milho de maneira que forme um quadrado com várias palhas sobrepostas. Depois de as camadas ficarem bem firmes, amarra-se para separar a base da ponta. Esta é então desfiada. O professor fala um pouco sobre a origem do jogo e conta curiosidades a respeito: jogo típico dos índios Mbyá que acreditam que os trovões, na época da chuva, são os sons da peteca sendo jogada pelos deuses e que os relâmpagos são os movimentos dela no ar.
Reflexão	Refletir sobre ... ... a diversidade de nações indígenas existentes no Brasil, ainda na atualidade, salientando que cada uma tem seu jeito próprio de viver a espiritualidade. São diferentes os mitos, os hábitos, os nomes das divindades, os rituais, etc; ... a ideia de respeito à terra e à natureza que todos os povos indígenas possuem, ... o que aprendemos com essa cultura.

Nesta dinâmica a teoria é transformada em prática com a fabricação da peteca. Importante frisar a simbologia e o que parece ser apenas uma brincadeira em outras culturas, para os indígenas é um ato carregado de significados. Importante ainda conduzir os estudantes a perceber a simbologia em ritos e tradições.

O objetivo na aplicação das dinâmicas na temática pluralidade cultural será o de enfatizar e valorizar a diversidade, desde cultura, etnia, a bagagem cultural que o aluno traz

<sup>83</sup> Adaptado de JUNQUEIRA, 2009, p. 48.

seus anseios e desafios, motivando-o a se conhecer mais e conhecer e valorizar ao próximo. O ambiente precisa ser acolhedor e o professor estar apto a conduzir as diversas situações com entusiasmo e sanando quaisquer atitudes que possam ferir os princípios morais e éticos. Essas dinâmicas podem ser aplicadas nos conteúdos dos eixos Culturas e Tradições Religiosas e Ethos.

### 3.3.2 *Proposta de dinâmicas sobre o tema Diversidade Sexual*

Sobre a temática Diversidade Sexual (DSX) selecionamos seis dinâmicas de grupo, que devem ser usadas de forma articulada com o eixo Ethos:

#### Dinâmica DSX 1: Cabana do Acolhimento<sup>84</sup>

Objetivo	Experimentar o acolhimento mútuo e a partilha de espaço.
Material	Tiras de papel, canetas e um cartaz com o desenho de uma grande cabana.
Texto	Não
Procedimento	Organizar o grupo em grupos menores de 7 a 8 pessoas. A atividade deverá se realizar em silêncio. Cada grupo cria uma composição em forma de cabana – uma cabana humana – e acolhe uma pessoa, revezando para que todas as pessoas acolham e sejam acolhidas. A dinâmica consiste em se deixar ficar no acolhimento do grupo. Depois juntam-se dois grupos ou quatro até formar uma grande cabana em que algumas pessoas acolhem e outras são acolhidas. Cada participante escreve uma frase: Quando eu sou acolhido, acolhida eu me sinto ... A frase é lida e colada no cartaz dentro da grande cabana. Depois, o grupo pode dialogar sobre a experiência, sobre o esforço de permanecer em silêncio.
Reflexão	Refletir sobre ... ... o quanto é bom se sentir acolhido e a importância de acolher as pessoas.

Esta dinâmica visa demonstrar a importância de acolher o próximo independente de suas escolhas e estilo de vida. Importante frisar que o ser humano é importante pelo que é em sua essência e que nada pode mudar o carinho e o sentimento de cuidado que se devem ter uns pelos outros. Enfatizar a importância do exercício da cidadania e ética.

<sup>84</sup> Adaptado de PONICK; WITT, 2008, p. 13.

Dinâmica DSX 2: Descobrimo Novas Cores<sup>85</sup>

Objetivo	Descobrir preconceitos que impedem o respeito à outra pessoa nas suas diferenças.
Material	Tiras de cartolina no tamanho 5 cm x 20 cm, previamente pintadas com giz de cera e revestidas com tinta nanquim preta, um alfinete para cada participante, CD com música instrumental, aparelho de CD.
Texto	O essencial é saber ver. Mas isso (triste de nós que temos a alma vestida!), Isso exige um estudo profundo, uma aprendizagem de desaprender... Procuro despir-me do que aprendi, Procuro esquecer-me do modo de lembrar Como me ensinaram, E raspar tinta com que pintaram os sentidos, Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras, Desembrulhar-me e ser eu ... (Fernando Pessoa, por meio de seu heterônimo Alberto Caeiro)
Procedimento	Tocar uma música instrumental suave. Cada pessoa recebe uma tira de cartolina e um alfinete. A pessoa que coordena faz a leitura do poema. Depois, cada pessoa raspa a tinta que está sobre a tira de cartolina, deixando que transpareça o que estava oculto.
Reflexão	Refletir sobre... ... a pergunta: do que eu preciso despir-me? ... que preconceitos eu quero raspar para poder ver o outro como de fato ele é, na sua diferença?

Nesta dinâmica, a tinta por cima impedindo saber o que estava escrito leva a reflexão da necessidade de quebra de paradigmas e que muitas das vezes será preciso abrir mão de conceitos implantados para que haja a possibilidade de enxergar o outro além das próprias diferenças. Cada ser humano carrega em si valores muito além de sua aparência e escolhas e só poderão ser vistos se cada um se dispuser a enxergar além. É também uma questão de respeito e de direitos.

Dinâmica DSX 3: Cores da Liberdade<sup>86</sup>

Objetivo	Perceber que no mundo há “cativeiros simbólicos” que nos prendem em suas gaiolas e tiram nossa liberdade e alegria de viver.
Material	Um papel pardo com o desenho de uma grande gaiola, recortes de chaves

<sup>85</sup> Adaptado de PONICK; WITT, 2008, p. 30.

<sup>86</sup> Adaptado de SIEGLE, Carmen Michel. *Dinâmicas para Escolas e Comunidades*. Porto Alegre: Sinodal, 2016. p. 54-55.

	de papel colorido no tamanho de 30 cm, tiras de papel ofício de aproximadamente 5 cm de largura, canetinhas e cola.
Texto	<p>Próximo às restingas, capoeiras e beiras de mata do litoral brasileiro encontramos um pássaro muito interessante chamado tiê-sangue. O nome está associado à cor vermelho-viva de sua plumagem, que é adquirida em função de alimentos encontrados na farta natureza.</p> <p>Devido a sua beleza, o tiê-sangue é muito procurado pelos criadores. Porém, quando capturado e colocado em cativeiro, o belo pássaro perde sua cor e vivacidade. O vermelho intenso desbota, transformando-se num tom alaranjado. Também é comum que, com o tempo, o pássaro capturado adoença e morra, não suportando a privação de sua liberdade.</p> <p>Assim como o pássaro tiê-sangue, que precisa da liberdade e do alimento que mantêm a sua cor, também nós necessitamos da liberdade de expressão e de comunicação para desenvolver-nos plenamente como pessoas.</p>
Procedimento	<p>Fazer leitura do texto. A seguir, peça a cada participante para refletir em silêncio sobre a seguinte pergunta: Quais são os “cativeiros simbólicos” que nos aprisionam em gaiolas e tiram a nossa cor? Entregue a cada pessoa uma tira de papel e peça que escreva sobre ela um ou mais “cativeiros” que identificou.</p> <p>Após a atividade individual, peça a cada participante para colar a sua tira sobre o desenho da gaiola no papel pardo. A seguir, convite para observar o que está escrito nas tiras. Forma grupos de até cinco pessoas e peça a essas que compartilhem o que escreveram.</p> <p>Depois da partilha, entregue a cada grupo o recorte de uma chave. Peça que pensem, em conjunto, ações que possam abrir as portas dessas gaiolas/cativeiros. Solicite que escrevam as ações sobre a chave. Em plenária, cada grupo relata as ações pensadas e cola a sua chave em torno do desenho da gaiola, simbolizando as possibilidades de abertura do cativeiro.</p>
Reflexão	<p>Refletir sobre...</p> <p>... os “cativeiros simbólicos” que nos prendem em suas gaiolas e tiram nossa liberdade e alegria de viver;</p> <p>... as ações que podem ser feitas a fim de abrir as portas dessas gaiolas/cativeiros.</p>

Nesta dinâmica, o preconceito é comparado à gaiola. Além de aprisionar, o preconceito tira o brilho e alegria do aprisionado, que neste caso é representado pelo pássaro tiê-sangue. O preconceito tem poder destrutivo. Conduzir o aluno a compreender a importância da alteridade, da tolerância e igualdade.

Dinâmica DSX 4: Para Conviver Bem<sup>87</sup>

Objetivo	Sensibilizar para a escuta e a valorização do outro e para o respeito às diferenças.
Material	Uma folha de papel sulfite para cada grupo e canetas, e cópia da fábula abaixo.
Texto	<p style="text-align: center;">Fábula da Convivência</p> <p>Durante a época glacial, muito remota, quando parte do globo terrestre estava coberto por densas camadas de gelo, muitos animais não resistiram ao frio intenso e morreram, indefesos, por não se adaptarem ao clima hostil. Foi então que uma grande manada de porcos-espinhos, numa tentativa de se proteger e sobreviver, começou a se unir, a juntar-se mais e mais. Assim, cada um podia sentir o calor do outro. E todos juntos, bem unidos, agasalhavam-se mutuamente, aqueciam-se, enfrentando por mais tempo aquele inverno tenebroso.</p> <p>Porém, vida ingrata, os espinhos de um começaram a ferir os companheiros mais próximos, justamente aqueles que lhes forneciam mais calor, aquele calor vital, questão de vida ou morte.</p> <p>E afastaram-se feridos, magoados, sofridos.</p> <p>Dispensaram-se por não suportar mais tempo os espinhos dos seus semelhantes. Doía muito. Mas essa não foi a melhor solução. Afastados, separados, logo começaram a morrer congelados. Então, os que não morreram voltaram a se aproximar, pouco a pouco, com jeito. Unidos dessa forma, descobriram que, mantendo certa distância entre si, não se feriam e se aqueciam uns aos outros. Assim sobreviveram.</p>
Procedimento	Em grupo, fazer a leitura da fábula da convivência e escrever sobre as reflexões levantadas, após compartilhar em plenária.
Reflexão	<p>Refletir sobre ...</p> <p>... quais os espinhos que nos machucam no contato e na caminhada com pessoas de outras crenças religiosas,</p> <p>... quais as expressões ou gestos que nos aquecem quando dialogamos e convivemos com pessoas de outras denominações e tradições religiosas.</p>

Nesta dinâmica, os espinhos são comparados à diversidade. Oportuniza o diálogo sobre o quanto a aproximação com as pessoas pode ser um desafio, mas também o quanto se pode evoluir no exercício da boa convivência. Sensibilizar os estudantes a fim de gerar motivação para uma transformação de pensamento e ações.

<sup>87</sup> Adaptado de PONICK; WITT, 2008, p. 25.

## Dinâmica DSX 5: As diferenças

Objetivo	Conviver com a diferença
Material	Massa de modelar.
Texto	Não
Procedimento	Pedir aos alunos para espalhar a massa de modelar e em seguida pressionar uma das mãos. Conversar sobre a diferença dos dedos e sobre como são harmoniosos vistos em conjunto. Falar da funcionalidade deles e de como seriam se todos fossem iguais.
Reflexão	Refletir sobre ... ... que os seres humanos são diferentes na aparência, nos dons, na maneira de se relacionar e nas escolhas. Mas o fato de ser diferentes não impede de viver e relacionar-se bem.

Nesta dinâmica, as mãos sobre a massinha representa a sociedade plural. São cinco dedos nas mãos e todos diferentes um do outro, mas juntos formam a mão e tem cada um sua função e valor. Conduzir o estudante a perceber a importância do respeito, cidadania, da valorização do outro, que o outro não é bom ou ruim por ser igual ou diferente, mas descobrir o ponto de encontro em toda diversidade e valorizá-la.

Dinâmica DSX 6: Troca-Troca de lugar<sup>88</sup>

Objetivo	Refletir sobre as ações que excluem e ações que promovem a inclusão.
Material	Cadeiras dispostas em círculos.
Texto	Não
Procedimento	1º momento: forme um círculo com cadeiras e convide as pessoas para sentar. Tire uma cadeira do círculo e coloque-se em pé, dando início à brincadeira. Pense em uma característica sua, por exemplo: a cor de seus olhos ou o time pelo qual torce. Também pode ser algo que você esteja usando ou goste de fazer. Depois diga em voz alta a todo o grupo a seguinte frase: O sinal abriu para quem ... (neste momento, mencione a característica ou o objeto que você escolheu). As pessoas que se identificam com a característica mencionada ou possuem o objeto indicado devem trocar de lugar. Durante a troca de lugares, quem mencionou a frase também deve procurar se sentar. A pessoa que ficar em pé dará continuidade à brincadeira. Repita a dinâmica algumas vezes. 2º momento: sugira a continuidade da dinâmica, porém com uma variante: acrescente duas cadeiras ao círculo, de modo que fique sobrando um lugar. Todas as pessoas permanecem sentadas. A pessoa que estiver com o espaço livre à sua direita dirá a frase: “a minha direita está livre para alguém que...” e menciona, neste momento, uma característica da pessoa que deseja

<sup>88</sup> Adaptado de SIEGLE, 2016, p. 19-20.

	<p>chamar. A pessoa que se identifica com essa característica senta-se na cadeira que estava vazia. A brincadeira prossegue com a pessoa que ficou com a direita vaga.</p> <p>Considerações: encerre o momento com um diálogo em torno da experiência vivenciada. Pergunte sobre a diferença ou similaridade entre as duas variantes da brincadeira. Na primeira variante, o olhar está voltado para as próprias qualidades e características. Na segunda, o olhar é ampliado e desafiado a perceber qualidades e características nas pessoas que estão em volta.</p>
Reflexão	<p>Refletir sobre ...</p> <p>... as reações e resultados que cada variante da dinâmica provocou,</p> <p>... o que acontece quando excluimos as pessoas em vez de incluí-las,</p> <p>... o que podemos fazer para incluir as pessoas em vez de excluí-las.</p>

Nesta dinâmica, as cadeiras são comparadas à sociedade. Ser diferente tem excluído muitas pessoas do convívio social. Quando ações de inclusão são criadas a sociedade caminha de forma assertiva em rumo à paz. Conduzir os estudantes a perceberem que podem viver uma vida de inclusão social, promovendo a boa convivência, respeito e alteridade.

O objetivo na aplicação das dinâmicas na temática diversidade Sexual será o de enfatizar e valorizar o respeito mútuo. O ambiente precisa ser acolhedor e o professor estar apto a conduzir as diversas situações com entusiasmo e sanando quaisquer atitudes que possam ferir os princípios morais e éticos. As dinâmicas sobre a temática Diversidade Sexual podem ser trabalhadas no eixo Ethos, considerando os conteúdos sobre a alteridade, relacionamento com o outro, respeito, dentre outros.

### 3.3.3 Proposta de dinâmicas sobre o tema Desigualdade Social

Sobre a temática Desigualdade Social (DSL) sugerimos aplicar as seguintes dinâmicas selecionadas. Neste último subtópico, selecionamos sete dinâmicas que se relacionam aos diversos eixos do Ensino religioso, sendo que a dinâmica DSL 7 foi criada pela mestranda.

#### Dinâmica DSL 1: Olhares Diversos<sup>89</sup>

Objetivo	Perceber que há muitas formas de se olhar para as pessoas.
Material	Providenciar texto para leitura

<sup>89</sup> Adaptado de PONICK; WITT, 2008, p. 21.

Texto	<p style="text-align: center;"><b>Muitos Olhares</b></p> <p>Os olhares são muitos, pode-se dizer. Há um olhar de verão, olhar de mormaço para o chão grudento e as paredes suadas. Olhar para os açudes, olhar de rede e descanso. Há um olhar de outono; olhar ventoso para as folhas do plátamo; olhar para as básculas e os relâmpagos. Há um olhar de inverno; olhar de veludo e pelúcia; olhar de fogo e de vinho. Há, sobretudo, um olhar de primavera, um olhar de setembro que anuncia a mudança; um olhar de olhos cheios de estrelas, um olhar de bandeiras.</p> <p>A propósito, qual é mesmo o seu olhar? (Marcos Rolim)</p>
Procedimento	<p>Fazer a leitura do texto e depois formar pares. Cada par representará, um para o outro, os olhares: olhar sentado (uma pessoa senta-se e a outra fica de pé); olhar de cima (uma pessoa sobe numa cadeira ou numa mesa); olhar de lado (uma pessoa vira-se de lado em relação a outra); olhar de passagem (olhando para trás, ao ter passado pela pessoa); olhar de frente (ambas olham-se frente a frente); olhar cabisbaixo (as pessoas olham-se com a cabeça baixa); olhar corcunda (olhar-se com as costas encurvadas); olhar de colo (uma pessoa apoia sua cabeça no colo da outra).</p> <p>As duplas sentam e compartilham seus sentimentos em relação às diferentes situações de olhares e relacionam essa vivência com a experiência cotidiana na vida pessoal e na prática social. De qual olhar gostou mais? De qual olhar gostou menos?</p>
Reflexão	<p>Refletir sobre ...</p> <p>... quais olhares transmitem esperança e promovem solidariedade.</p>

Nesta dinâmica, os olhares são comparados ao julgamento e ações que as pessoas fazem quando se conhecem ou veem algo que aprovam ou desaprovam, que desprezam ou que valorizam. Demonstra que nem todos os olhares são bons, existem olhares que elevam as pessoas, mas também tem olhares que as diminuem. Conduzir os estudantes a perceberem a importância de transmitir olhares que promovam a solidariedade

#### Dinâmica DSL 2: Comunhão<sup>90</sup>

Objetivo	Aprender a conviver e a respeitar o outro
Material	Tiras de papel ou cartolina, pincel atômico ou caneta hidrográfica, aparelho de som e CD Instrumental.
Texto	Não
Procedimento	Estimular os alunos a andar pela sala olhando uns aos outros, enquanto a música toca. Quando o som parar, devem escolher um par e ficar ao lado dele(a). Cumprimentam-se de alguma forma, com algum gesto (aperto de mão, abraço, etc.).

<sup>90</sup> Adaptado de JUNQUEIRA, 2009, p. 18.

	<p>Em seguida pedir para que os pares andem pela sala (desta vez são dois alunos andando juntos). Assim que a música parar, deverão associar-se a outro par (ficando o grupo com quatro alunos).</p> <p>Entregar as tiras de papel e a caneta hidrográfica para os alunos comporem uma palavra que represente um valor universal e seja formada pela junção das letras de seus nomes. Exemplo: André + Júlia + Débora + Anne = AJUDA.</p> <p>Escrever no quadro as palavras formadas e promover um debate sobre a importância desses valores na vida comunitária.</p>
Reflexão	<p>Refletir sobre ...</p> <p>... o significado da palavra koinonia – comunhão;</p> <p>... o que todo ser humano tem em comum;</p> <p>... o valor e importância que todo ser humano tem.</p>

Nesta dinâmica, os valores universais são construídos a partir da inicial dos nomes dos estudantes. Faz pensar sobre serem agentes influenciadores. Os estudantes devem ser conduzidos a perceber a importância da junção de forças para o bem comum, do valor e importância que cada pessoa tem.

### Dinâmica DSL 3: Um Mundo Melhor<sup>91</sup>

Objetivo	Despertar em si o desejo de encontrar a paz e promover ações de solidariedade.
Material	Jornais, revistas ou acesso a internet.
Texto	Não
Procedimento	<p>Pesquisar as ações sociais que as tradições religiosas representadas na classe desenvolvem na comunidade em que estão inseridas.</p> <p>Pesquisar também representantes das tradições religiosas que dedicaram sua vida à luta pela igualdade e à promoção da paz, como Gandhi (1869-1948), influente defensor do Satyagraha (princípio da não agressão, forma não violenta de protesto) como meio de revolução; Martin Luther King (1929-1968), pastor norte americano, um dos principais líderes do movimento americano pelos direitos civis, defensor da resistência não violenta contra a opressão racial; Teresa de Calcutá (1910-1997), missionária católica que dedicou sua vida aos pobres e fundou casas religiosas por toda a Índia e, depois, no exterior.</p>
Reflexão	<p>Refletir sobre ...</p> <p>... os pequenos gestos que podem contribuir para o bem viver e sobre como a soma desses gestos pode cooperar para a construção de um mundo melhor;</p> <p>... o que podemos fazer na luta contra as desigualdades e pela afirmação de</p>

<sup>91</sup> Adaptado de JUNQUEIRA, 2009, p. 30.

	um convívio pacífico entre as tradições religiosas ou culturais; ... a importância do reconhecimento do direito do outro à diferença; ... tolerância, solidariedade, sentimento de grupo e de unidade.
--	--

Esta dinâmica através de dados narrados pela história mostra as ações feitas por representantes de diversas instituições religiosas na defesa do bem social. Importante conduzir o estudante a compreender a importância da valorização do ser humano e a busca por melhores condições de vida e o fim da desigualdade social.

#### Dinâmica DSL 4: A realidade que tenho e sonho<sup>92</sup>

Objetivo	Refletir sobre a realidade e sobre ações e atitudes que a transformam.
Material	Revistas, tesouras, cola, fita-crepe, duas folhas de papel ofício tamanho A4 ou A3, caneta hidrocor, giz de cera, lápis preto e borracha para cada grupo; um painel de cartolina ou papel pardo com aproximadamente 1,5m de largura.
Texto	Não
Procedimento	1º momento: forme grupos e distribua entre eles os materiais necessários listados. A cada grupo entregue a seguinte tarefa: fazer um desenho que expresse como hoje percebem, sentem e veem a comunidade (ou escola, família, sociedade, meio ambiente...). Após, fazer um desenho que expresse a realidade que desejam, sonham, esperam para esse contexto retratado. 2º momento: reúna os grupos em plenária para a apresentação dos trabalhos. Solicite aos grupos que, após a apresentação, cada um cole sobre o papel pardo os dois desenhos, deixando entre eles um espaço que, na opinião do grupo, representa a distância que existe entre a realidade que vive e a que sonha. 3º momento: peça que desenhem uma ponte entre as duas realidades retratadas (a que se vive e a que se sonha) e conversem sobre as possibilidades de diminuir a distância entre elas. Sobre a ponte escreva as ações e estratégias apontadas pelo grupo.
Reflexão	Refletir sobre ... ... a realidade que nos cerca e ações e atitudes que a transformam, ... em como podemos ser agentes transformadores.

Esta dinâmica leva a uma reflexão da realidade social atual, a situação do desemprego, fome, tantas famílias que vivem na miséria e em contrapartida mínimos grupos retêm toda riqueza e poder. Conduzir a uma percepção de que é possível uma transformação social, com pequenos gestos e atitudes no dia a dia.

<sup>92</sup> Adaptado de SIEGLE, 2016, p. 29.

Dinâmica DSL 5: Buscando o Próprio Eu<sup>93</sup>

Objetivo	Valorizar a importância da identidade e exercitar a autodefinição.
Material	Cópia do texto a ser entregue a cada aluno
Texto	<p style="text-align: center;"><b>Quem é Você?</b></p> <p>Uma mulher agonizava. Teve a sensação de que estava sendo levada para o céu e apresentada diante do tribunal.</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quem é você? – disse uma voz.</li> <li>- Sou esposa do prefeito – respondeu ela.</li> <li>- Perguntei quem é você; não com quem está casada.</li> <li>- Sou mãe de quatro filhos.</li> <li>- Perguntei quem é você; não quantos filhos você tem.</li> <li>- Sou a professora da escola.</li> <li>- Perguntei quem é você; não qual é a sua profissão.</li> </ul> <p>E assim sucessivamente, fosse qual fosse a resposta, parecia que nunca era satisfatória para a pergunta:</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- Quem é você?</li> <li>- Sou uma cristã.</li> <li>- Perguntei quem é você; não qual é a sua religião.</li> <li>- Sou uma pessoa que ia todos os dias à igreja e ajudava aos pobres e necessitados.</li> <li>- Perguntei quem é você; não o que fazia.</li> </ul> <p>Evidentemente, a mulher não conseguiu passar pela prova, motivo pelo qual foi enviada novamente à terra. Mas, quando se recuperou de sua doença, tomou a decisão de averiguar quem era, e tudo foi muito diferente.</p> <p>(Anthony de Mello)</p>
Procedimento	Entregar o texto para os alunos lerem e refletirem.
Reflexão	<p>Refletir sobre ...</p> <ul style="list-style-type: none"> <li>... a importância do autoconhecimento;</li> <li>... a importância de conhecer a si mesmo cada vez mais e melhor;</li> <li>... a importância de valorizar o direito que todo ser humano tem de autodefinir-se. Afinal, não nos tornamos melhores porque nos elogiam, nem piores, quando nos insultam. Cada um é e será o que acredita ser.</li> </ul>

Nesta dinâmica, a problemática dos rótulos é comparada à situação da mulher. Oportuniza a percepção da importância do autoconhecimento. Quando a pessoa realmente se conhece o que o outro a rotula não interfere em seu referencial interior. Importante conduzir os alunos a perceber a necessidade de uma busca contínua pelo autoconhecimento em busca de uma sociedade mais justa e humanizada.

<sup>93</sup> Adaptado de SUÁREZ, 2001, p. 57.

Dinâmica DSL 6: Ações que transformam<sup>94</sup>

Objetivo	Perceber situações de sofrimento e violação dos direitos humanos e sensibilizar para a solidariedade para com as pessoas que sofrem.
Material	Clipe ou letra de alguma música que fala do sofrimento humano ou de direitos humanos violados; por exemplo: “Eu só peço a Deus”, de Mercedes Sosa e Beth Carvalho.
Texto	<p>Eu só peço a Deus  Que a dor não me seja indiferente,  Que a morte não me encontre um dia  Solitário sem ter feito o que eu queria.</p> <p>Eu só peço a Deus  Que a injustiça não me seja indiferente,  Pois não posso dar a outra face  Se já fui machucada brutalmente.</p> <p>Eu só peço a Deus  Que a guerra não me seja indiferente.  É um monstro grande e pisa forte  Toma fome e inocência dessa gente.</p> <p>Eu só peço a Deus  Que a mentira não me seja indiferente.  Se um só traidor tem mais poder que um povo,  Que esse povo não esqueça facilmente.</p> <p>Eu só peço a Deus  Que o futuro não me seja indiferente,  Sem ter que fugir desenganado  Pra viver uma cultura diferente.</p>
Procedimento	Reúna o grupo para assistir ao clipe, ouvir ou ler a letra da música. Depois motive o grupo para destacar as situações de sofrimento e de desrespeito humano aos direitos humanos, percebidas na música. Forme pequenos grupos e proponha encenação das situações levantadas.
Reflexão	Refletir sobre ... ... situações pessoais e coletivas que podem ajudar a superar as situações de sofrimento, de violação de direitos e desigualdades.

Esta dinâmica através da música, mostra o quão importante é se manter sensível às questões sociais, sentir dia a dia a realidade que rodeia, sem se tornar indiferente ao grito de ajuda que milhares de pessoas ecoam todos os dias. Importante conduzir os estudantes a desenvolver o senso de humanidade, desejo em ser agentes de transformação social, não se calando ou ficando inerte à realidade e desigualdade social, que resultam em dor e guerras. É uma questão também de liberdade.

<sup>94</sup> Adaptado de SIEGLE, 2016, p. 31-32.

## Dinâmica DSL 7: Somos todos iguais

Objetivo	Despertar para o senso de igualdade entre todos os seres humanos.
Material	Filme Tarzan. <sup>95</sup>
Texto	
Procedimento	<p>Após assistir o filme, recapitular algumas cenas a partir do 20:10 min. até 22:35 min.</p> <p>Cenas a serem enfatizadas:</p>  <p>Tarzan. 1999. 22:10 min.</p>  <p>Tarzan. 1999. 22:14 min.</p>

<sup>95</sup> BUCK, Chris; LIMA, Kevin (Dir.). *Tarzan*. Animação. Cores, 88 min. Florida: Walt Disney Pictures, 1999.



Tarzan. 1999. 22:25 min.



Tarzan. 1999. 22:29 min.



Tarzan. 1999. 22:35 min.

**Reflexão**

Refletir sobre ...

... o que causava tristeza e fazia com que o menino Tarzan se sentisse rejeitado,  
 ... a importância de reconhecer que independente das diferenças físicas,

étnicas e sociais temos o mesmo valor.
--

Nesta dinâmica, as diferenças culturais, étnicas e sociais são representadas pelo personagem do menino e de sua mãe macaco. Diversos conflitos são gerados pela falta de sensibilidade às diferenças. Conduzir os estudantes a perceber que debaixo de todo rótulo/status social, existem seres humanos que na sua essência são iguais. O ser humano precisa compreender que classe social não define quem uma pessoa é. Pequenos gestos de acolhida e sensibilização podem gerar dia após dia uma consciência mais profunda da condição do ser humano.

O objetivo na aplicação das dinâmicas na temática Desigualdade Social é o de enfatizar o valor do ser humano independente de sua classe social, incentivar atitudes e ações que visem o respeito e a valorização ao próximo. O ambiente precisa ser acolhedor e o professor apto a conduzir as diversas situações com entusiasmo e sanando quaisquer atitudes que possam ferir os princípios morais e éticos. As dinâmicas sobre a temática Desigualdade Social podem ser trabalhadas no eixo Ethos, considerando os conteúdos sobre a alteridade, relacionamento com o outro, respeito, mas também nos outros eixos que o conteúdo possibilitar.

Se observarmos as dinâmicas apresentadas podem ser aplicadas nos diversos eixos do currículo do Ensino Religioso, desde que sejam adaptadas e as reflexões correlatas. Outro fato interessante é que elas possibilitam o encontro de ideias, exposição dos sentimentos e o despertar do trabalhar conjunto sem competitividade.

## CONCLUSÃO

Foi possível observar com esta pesquisa que o Ensino Religioso sofreu grandes transformações ao longo dos séculos. O que antes fora um instrumento da Igreja para catequese e do Estado para controle social, hoje mostra-se com capacidade de agregação de conhecimento e de valores que podem auxiliar na construção de uma sociedade mais justa, ética e cidadã. A partir do respeito ao outro e às diferenças, e sem o viés proselitista de outrora, do profissional professor/a desta disciplina, é demandado formação continuada e que atualize os avanços da disciplina até o momento, além do necessário compromisso com uma educação pautada na transparência, no diálogo e no respeito, a fim de formar cidadãos para a vida.

Refletimos ao longo desta dissertação sobre o tema da cidadania e da ética na formação docente e, especialmente na discente, e o quanto a ética e a moral são conceitos dinâmicos, exigindo reflexões continuadas. A construção de uma sociedade mais humana, que seja capaz de sentir o outro e colocar-se no seu lugar, que respeita a opinião do próximo, que busca conhecer o que até então é considerado desconhecido e sem contato, com autonomia e com empatia, é possível ser formada com a participação da escola, mediante práticas pedagógicas adequadas.

Os principais desafios que nos ocupamos a partir da realidade brasileira foram a pluralidade cultural, a diversidade sexual e a desigualdade social, que são desafios urgentes e que precisam ser vencidos e superados. Quanto à pluralidade cultural e à diversidade sexual, a questão está dada pela necessária mudança de mentalidade, no sentido de perceber a diversidade de culturas e por extensão de religiões, como positiva. Aprender a conviver em um mundo com diversidade, com orientações sexuais diferentes, exercitando a tolerância e o respeito. O diferente tem direitos e seu espaço deve ser garantido. E não basta reconhecer seu lugar na sociedade, senão que devem ser vistos positivamente, como constitutivos da sociedade.

Com relação à desigualdade social, o desafio é outro. É mostrar aos estudantes que essa desigualdade não deve ser tolerada, mas combatida e superada por meio de conscientização dos indivíduos, da luta social, e do exercício da solidariedade, além de cobrar das instâncias governamentais, políticas públicas adequadas. Em uma perspectiva planetária e holística, deveria ser ensinado nos espaços de formação que os seres humanos são todos “irmãos”, que habitam uma “mesma casa comum” (planeta) e que precisam se empenhar pelo

bem comum, independente das escolhas pessoais, da cultura, da religião, da etnia ou de qualquer outra característica que possam ter.

Tratar de assuntos desta amplitude requer recursos didáticos específicos e que favoreçam o diálogo e o exercício da cidadania, de modo a possibilitar que os estudantes se expressem sem ferir o posicionamento do outro. A abordagem escolhida foi por meio das dinâmicas de grupo. Em busca de recursos que possibilitassem o diálogo e a motivação dos alunos, vimos que as dinâmicas de grupo são ferramentas ricas e propícias para tratativa de questões tão profundas e subjetivas como essas, especialmente no ambiente das aulas de Ensino Religioso. Pode-se dizer que as dinâmicas de grupo se mostram importante instrumento pedagógico, uma vez que oportunizam o diálogo, a reflexão conjunta e a interação com o outro, levando ao conhecimento mútuo e situado.

O empenho e a formação do/a professor/a são decisivos na aplicação das dinâmicas. O professor/a precisa estar preparado/a para se despir de sua própria bagagem, para buscar um ensinar que valorize a diversidade do pensamento e para a aprendizagem a partir desta compreensão e desta vivência. As 19 dinâmicas selecionadas e trabalhadas nesta dissertação, sendo algumas coletadas da literatura disponíveis e outras criadas pela autora, são contribuições de práticas e ferramentas pedagógicas que podem auxiliar o/a professor/a de Ensino Religioso a enfrentar os três principais desafios identificados de forma prática e interativa. Sendo um dos objetivos principais do Mestrado Profissional a articulação da ciência com a atividade profissional, incentivando estudos aplicados à carreira dos profissionais, que no nosso caso seriam os professores do Ensino Religioso, cremos ter caminhado nessa direção, cientes de que há lacunas e outros temas que poderiam ser considerados. Esperamos que os professores do Ensino Religioso, carreira a qual a autora desta pesquisa almeja, possam aplicar essas dinâmicas em suas aulas e também dedicarem-se para criarem suas próprias dinâmicas a partir dos seus contextos específicos.

## REFERÊNCIAS

- ALVES, Rubem. *O que é religião?* São Paulo: Ars Poética, 1996.
- ASSINTEC. *Ensino Religioso. Sugestões pedagógicas.* Curitiba: Assintec, 2002.
- BAUMAN, Zygmunt. *A sociedade individualizada: vidas contadas e histórias vividas.* Trad. José Gradel. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2008.
- BAUMAN, Zygmunt. *Capitalismo parasitário: e outros temas contemporâneos.* Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Zahar, 2010.
- BAUMAN, Zygmunt. *Ética pós-moderna.* Trad. João Rezende Costa. 3. ed. São Paulo: Paulus, 2006.
- BAUMAN, Zygmunt. *Vida líquida.* Trad. José Alberto Medeiros. 2. ed. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.
- BITTENCOURT FILHO, José. *Matriz Religiosa Brasileira.* Religiosidade e mudança social. Petrópolis: Vozes, 2003.
- BOFF, Leonardo. *Ethos Mundial: um consenso mínimo entre os humanos.* Brasília: Letraviva, 2000.
- BOFF, Leonardo. *Ética e moral: a busca dos fundamentos.* 6. ed. Petrópolis: Vozes, 2010.
- BRANDENBURG, Laude Erandi et al. *Fenômeno religioso e metodologias: VI Simpósio de Ensino Religioso.* São Leopoldo: Sinodal/EST, 2009.
- BRASIL. *Constituição da República Federativa do Brasil de 1988.* Brasília 1988.
- BRASIL. *Lei de diretrizes e bases da educação nacional.* Lei n. 9394/96. Brasília 1996.
- BRASIL. *Ministério da Cultura.* Decreto n. 8837/16. Brasília 2016.
- BRASIL. *Relatório de Violência Homofóbica no Brasil do ano de 2013.*
- BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei nº 11.645, de 10 março de 2008.* Disponível em: <<https://goo.gl/R69fcg>>. Acesso em: 07 jun. 2018.
- BRASIL. *Relatório de Violência Homofóbica no Brasil do ano de 2013.* Disponível em: <<https://goo.gl/3btyWn>>. Acesso em: 15 jan. 2018.
- BUBER, Martin. *Do diálogo e do dialógico.* São Paulo: Perspectiva, 1982.
- BUBER, Martin. *Eu e Tu.* São Paulo: Centauro, 2003[1923].
- BUBER, Martin. *Sobre comunidade.* São Paulo: Perspectiva, 1987.
- BUCK, Chris; LIMA, Kevin (Dirs.). *Tarzan.* Animação. Cores, 88 min. Florida: Walt Disney Pictures, 1999.

BÜNDCHEN, Célia Marize. *O Ensino Religioso: significados de religião em diferentes contextos educativos*. Porto Alegre: Concórdia, 2007.

CARON, Lourdes. *O Ensino Religioso na nova LDB*. 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1999.

CERDA, Hugo. *Los elementos de la investigación: como conocerlos, diseñarlos y construirlos*. Quito: AbyaYala, 1993.

CNBB. *Ensino Religioso no cenário da educação brasileira: aspectos históricos e sócio-político-culturais*. Brasília: Edições CNBB, 2007.

CONSTITUIÇÃO POLÍTICA DO IMPÉRIO DO BRASIL. Carta de Lei de 25 de março de 1824. Disponível em: <<https://goo.gl/McYx8y>>. Acesso em: 15 out. 2016.

CORTELLA, Mario Sérgio. *A ética e a produção do conhecimento hoje*. Disponível em: <<https://goo.gl/iZ9MyG>>. Acesso em: 24 jul. 2016.

CORTELLA, Mario Sergio. *Educação, Convivência e Ética*. Audácia e esperança! São Paulo: Cortez, 2015.

CORTINA, Adela. *Cidadãos do mundo: para uma teoria da cidadania*. São Paulo: Loyola, 2005.

ECO, Umberto. *Como se faz uma tese*. São Paulo: Perspectiva, 1985.

ESPÍRITO SANTO, Ruy Cezar do (Org.). *O Renascimento do Sagrado na Educação: o autoconhecimento na formação do educador*. Petrópolis: Vozes, 2008.

FERREIRA, Amauri Carlos. *Ensino Religioso nas fronteiras da ética*. Petrópolis: Vozes, 2001.

FIGUEIREDO, Anísia de Paula. *O Ensino Religioso no Brasil: Tendências, conquistas, perspectivas*. Petrópolis: Vozes, 1995.

FIGUEIREDO, Anísia de Paula. *O Ensino Religioso: perspectivas pedagógicas*. Coleção ensino religioso escolar. Série fundamentos. Petrópolis: Vozes, 1994.

FONAPER. *Parâmetros Curriculares Nacionais. Ensino Religioso*. 5. ed. São Paulo: Ave Maria, 2001.

FONAPER. Capacitação para um novo milênio. *Cadernos de Estudo*, n. 2. Curso de Ensino Religioso a distância. São Paulo: FONAPER, 2000.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra, 2011.

FREIRE, Paulo. *Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire*. 3. ed. São Paulo: Centauro, 2006.

GILES, Thomas Ransom. *História da educação*. São Paulo: EPU, 1987.

GOLEMAN, Daniel. *Inteligência Emocional: A teoria Revolucionária que define o que é ser inteligente*. Rio de Janeiro: Objetiva, 1995.

GIUMBELLI, Emerson; CARNEIRO, Sandra Maria Corrêa de Sá. Religião nas escolas públicas: questões nacionais e a situação no Rio de Janeiro. *Revista Contemporânea de Educação*, v. 2, p. 1-10, 2006.

GOERGEN, Pedro; LOMBARDI, José Claudinei. *Ética e Educação: reflexões filosóficas e históricas*. Coleção Educação Contemporânea. Campinas/SP: Autores Associados: Histedbr, 2005.

GRESCHAT, Hans-Jürgen. *O que é Ciência da Religião?* Coleção repensando a religião. Trad. Frank Usarski. São Paulo: Paulinas, 2005.

GUERREIRO, Laureano. *A Educação e o Sagrado: A ação terapêutica do educador*. Educação & Transdisciplinaridade. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

HABERMAS, Jürgen. *Entre naturalismo e religião*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2007.

JUNQUEIRA, Sérgio Rogério Azevedo. *O processo de escolarização do Ensino Religioso no Brasil*. Petrópolis: Vozes, 2002.

KILPP, Nelson. Um profeta que nasce da atuação pastoral. *Reflexus – Revista semestral de teologia e ciências das religiões*. Vitória - ES, a. VII, n. 9, mai. 2013, p. 43-60.

KRONBAUER, Selenir Corrêa Gonçalves; STRÖHER, Marga Janete (Orgs.). *Educar para a convivência na diversidade: desafio à formação de professores*. Coleção docentes em formação. São Paulo: Paulinas, 2009.

LEAL, Alane de Lucena. *Educação e Cidadania: uma inovadora proposta de formação religiosa*. Coleção Pedagogia e Educação. São Paulo: Paulinas, 2005.

LEAL, Alane de Lucena. *Jovens em tempo de Pós-Modernidade: considerações socioculturais e pastorais*. São Paulo: Loyola, 2004.

LOZA, Henry. *El proceso de la investigación científica*. Bolivia: [s.e.], 2002.

LYON, David. *Pós-Modernidade*. Trad. Euclides Luiz Calloni. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2005.

MINICUCCI, Agostinho. *Relações humanas*. Psicologia das relações interpessoais. São Paulo: Atlas, 1989.

MORI, Geraldo de; OLIVEIRA, Pedro A. Ribeiro de (Orgs.). *Religião e Educação para a cidadania*. São Paulo: Paulinas; Belo Horizonte: Soter, 2011.

MORIN, Edgar. *A cabeça bem-feita: repensar a reforma, reformar o pensamento*. Trad. Eloá Jacobina. 17. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2010.

MORIN, Edgar. *Cultura de massa no século XX: Neurose*. Vol. 1. Trad. Maura Ribeiro Sardinha. 9. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2007.

MORIN, Edgar. *O método 5: a humanidade da humanidade*. Trad. Juremir Machado da Silva. 4. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.

- MORIN, Edgar. *O método 6: Ética*. 3. ed. Porto Alegre: Sulina, 2007.
- MORIN, Edgar. *Os sete saberes necessários à educação do futuro*. Trad. Catarina Eleonora da Silva; Jeanne Sawaya. 5. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- NASSER, Maria Celina Cabrera. *O uso de símbolos*. Sugestões para a sala de aula. São Paulo: Paulinas, 2006.
- NEVILLE, Robert Cummings. *A condição humana: um tema para as religiões comparadas*. São Paulo: Paulus, 2005.
- NISKIER, Arnaldo. *Filosofia da Educação: Uma visão crítica*. 2. ed. São Paulo: Loyola, 2007.
- OLIVEIRA, Manfredo Araújo de. *Desafios éticos da globalização*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2002.
- PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso: Construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- PINEL, Hiran; MENDONÇA, C. (Org.). *Diversidade Sexual*. Silêncio, diálogo & currículo. São Paulo: Pedro & João Editores, 2013.
- RIBEIRO, Osvaldo Luiz. *Provocações facebookianas: religião, teologia e coisas do gênero*. São Paulo: Fonte Editorial, 2015.
- RIOS, Terezinha Azerêdo. *Ética e competência*. 20. ed. Questões da nossa época. v. 7. São Paulo: Cortez, 2011.
- ROSSATTO, Noeli Dutra; TOMAZETTI, Elisete Medianeira; TREVISAN, Amarildo Luiz (Orgs.). *Diferença, cultura e educação*. Porto Alegre: Sulina, 2010.
- SAVIANI, Dermeval. *História das ideias pedagógicas no Brasil*. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2010.
- SENA, Luzia (Org.). *Ensino Religioso e formação docente: ciências da religião e ensino religioso em diálogo*. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 2007.
- SILVA, Valmor da (Org.). *Ensino Religioso: educação centrada na vida: subsídio para a formação de professores*. 2. ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- SOUZA, Neuza Maria Marques (Org.). *História da educação*. São Paulo: Avercamp, 2006.
- STRECK, Gisela; LAUX, Núblia (Orgs.). *Manual de normas para trabalhos científicos*. 2. ed. rev. ampl. São Leopoldo: EST, ISM, 2009.
- SUNG, Jung Mo; SILVA, Josué Cândido. *Conversando sobre ética e sociedade*. 14 ed. Petrópolis: Vozes, 2007.
- WITT, Maria Dirlane; PONICK, Edson (Coords.). *Dinâmicas para o Ensino Religioso*. São Leopoldo: Sinodal, 2008.